

# AUTORES & LIVROS

5-12-1948  
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 14  
Vol. IX

## O PLANO DE "AUTORES & LIVROS"

O plano que desde o primeiro momento (1941) traçamos para AUTORES & LIVROS, foi o de uma ampla história da literatura brasileira. Na primeira fase, esse plano ficou executado um pouco sem sistematização. Iniciando a publicação com Fagundes Varela, realizamos a nossa história literária por grupos de escritores; a sistematização era dada, porém, mercê do minucioso índice geral, que fazíamos acompanhar cada volume.

Iniciando de novo a publicação, em junho deste ano, deliberamos sistematizar de maneira perfeita a nossa História da Literatura. Assim foi que, arrojando embora as graves inconveniências de apresentar em nossas páginas autores inteiramente desconhecidos à maioria dos leitores, refluímos neste volume não às origens de nossa história, quase podemos dizer: traçamos o quadro de nossa pre-história literária.

Por um lado — o lado do interesse imediato do espírito do leitor, o qual desejaria, é claro, um contacto com autores mais sugestivos, mais brilhantes ou mais amenos — a orientação que tomamos não era acaso propícia ao êxito material da publicação. Contudo, esse aspecto ficou compensado pelas outras secções que damos em nosso jornal: a Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, que hoje já consta de uma galeria de mais de oitenta autores, entre prosadores e poetas; a Página dos Autores Novos, em que já fizemos ao país a apresentação de trinta e cinco escritores; além de outras secções habituais.

Se, pois, por um lado, o nosso plano apresentava aquele inconveniente, por outro lado — o lado propriamente do estudo, o lado da construção histórica — apresentava vantagem incontestável. Mercê do rumo que nos traçamos, já ficaram incorporados à história da literatura brasileira

cérea de duas dezenas de autores de que o velho Silvío Romero, o mestre de todos nós que estudamos esses assuntos, não pôde ter conhecimento. São aqueles sacerdotes cheios de amor à terra brasileira, quase todos cheios de bondade e de infundo zelo religioso, que para cá vieram, e constituíram o rutilo exército dos Nóbregas e dos Anchieta. Esses sacerdotes — eminentes pelo coração e pelo cérebro, que foram todos prosadores, que foram muitos deles poetas — tivemos meio de incorporá-los, com suas biografias, os excertos de suas obras, à nossa história literária. Cabe-nos aqui confessar que em primeiro lugar devemos esse privilégio à incomparável obra de exegese histórica e religiosa de Serafim Leite: à existência de sua magnífica História da Companhia de Jesus no Brasil, às suas Novas Cartas Jesuíticas, às suas Páginas de História do Brasil.

Pertencendo à Companhia de Jesus, Serafim Leite, espírito áustero de historiador e erudito, teve a vantagem de ver abrir-se para o seu labor os maravilhosos, riquíssimos arquivos da ordem a que pertence. Com tal recurso, pôde levantar o vasto panorama, no qual se movem tantos varões ilustres da cultura portuguesa e brasileira. E' esse seu material, que Silvío não pôde conhecer, que nós temos hoje em mão: o mercê dele é que nos podemos alongar a mais e mais nas sondagens e nas verificações às camadas primeiras de nossa história — ou pre-história — literária.

Foi com a decisão de levarmos adiante o plano de uma história literária traçada em tais moldes, que tornamos a dar vida, em junho passado, a AUTORES & LIVROS. Encerrando no próximo número (25 do corrente), o volume nono, temos a alegria de verificar que toda a história literária do país no primeiro século está incluída nos 15 núme-

ros que formam a nossa coleção de 1948. O quadro dessa primeira fase da história literária brasileira ficou traçado da seguinte forma:

Fascículo I — Pero Vaz de Caminha.

Fascículo II — Pero Lopes de Souza.

Fascículo III — Padre Manoel da Nóbrega.

Fascículo IV — Padre José de Anchieta.

Fascículo V — Gabriel Soares de Souza.

Fascículo VI — Bento Teixeira.

Fascículo VII — Pedro de Magalhães Gandavo.

Fascículo VIII — Padre Fernão Cardim.

Fascículo IX — Padre Quirício Caxa.

Fascículo X — Padre Jerônimo Rodrigues.

Fascículo XI — Padre Leonardo do Vale.

Fascículo XII — Padre Luiz Figueira.

Fascículo XIII — Padre Antonio de Araújo.

Como se vê, quase todos os autores incluídos em nosso volume nono são sacerdotes; e todos esses sacerdotes se encontram estudados nas fontes a que acima aludimos.

O fascículo de hoje ficou dedicado aos outros jesuítas do primeiro século, que desceriamos incluir em nossa história literária. Eles têm direito de nela figurar, tanto quanto um Quirício Caxa ou um Antonio de Araújo. Deles, entretanto, não tivemos tempo até agora de tratar.

Compreende o leitor que não nos é dado ficar mais de um volume em uma fase tão obscura e tão sem expressão verdadeiramente literária, como é essa dos primeiros cronistas religiosos. Temos, pois, pressa de sair dela.

O nosso próximo número — de acordo com o que ficara estabelecido no nosso plano primitivo — será dado em homenagem a um autor estrangeiro: nele estudaremos Chateaubriand, (Continua na página seguinte)

## CARTAS JESUITICAS

III-IV

## Cartas avulsas

(1550-1568)

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1948

CARTAS AVULSAS. Esta edição, que se prende aos primitivos cronistas jesuítas, de dez dos quais, em nosso número de hoje sumariamos as biografias, foi impressa, mas não chegou a ser publicada. O fac-símile encontra-se no volume CARTAS AVULSAS, 1550-1568. Edição da Academia, 1927.

## SUMARIO

PAGINA 161:

— O plano de "Autores & Livros".  
— Nosso próximo número.

PAGINA 162:

— Os Jesuítas, nossos cronistas do primeiro século:  
— Vicente Rodrigues;  
— Afonso Bras;  
— Antonio Pires;  
— Diogo Jacome;  
— Francisco Pires;  
— João de Aspicuelta Navarro;  
— Leonardo Nunes;  
— Luiz da Grã;  
— Antonio Rodrigues;  
— Pero Correia;  
— Pero Rodrigues.

PAGINAS 163, 164, 165, 166, 167 E 168:

— Galeria Jornalística:  
— Explicação desta "Galeria Jornalística".  
— Timen e a Técnica das Revoluções, de Renato Sergio Fausto Jobim.  
— Justiniano José da Rocha, de Adhmyr Ribeiro do Vale de Araújo Lima.  
— Machado de Assis, de Maria Cecilia Ribas Carneiro.  
— Alcindo Guanabara, de Hugolino Guanabara Figueira de Mendonça.  
— Cipriano José Barata, de Maria de Lourdes Rodrigues Balduino Guimarães.  
— Um jornalista fora da banca (F. de S. Torres Homem), de Cristóvão Monteiro Freire.

— A obra de Ferreira de Araújo, de Sergio Vellozo.  
— Joaquim Serra, de Vera Margarida Paria.  
— Em torno de Duarte da Velha, de Jefferson Barata.  
— João Ribeiro, de Eulmira Amador Colpater.

PAGINA 169:

— A. Carneiro Lobo recebeu a Legião de Honor.  
— As obras completas de Amadeu Amaral.  
— Chateaubriand na Academia.  
— Uma recepção acadêmica.  
— A saída de "Autores & Livros".  
— Uma História da Literatura Universal.

PAGINAS 170 E 171:

— A Vida dos Livros:  
— Monigliano, Attilio — História da Literatura Italiana.  
— Academia Brasileira de Letras — Gonçalves Dias.  
— Castro, Aloysio de — Discursos, Nova Série.  
— Leite, S. J. Serafim — O Curso de Filosofia e Teologia para se criar a Universidade do Brasil no século XVI.  
— Livros recebidos.

PAGINA 172:

— Pereira da Costa.  
— Annabel Lee, de E. B. Poe (Tradução de Fernando Pessoa).

## LEOPOLDO PERES

Sexta-feira, 26 de Novembro, quando, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, relatava um projeto que lhe tinha sido distribuído, o Deputado Leopoldo Peres, representante do Amazonas, sofreu um insulto cerebral. Escorrido imediatamente pelos seus companheiros, entre os quais havia alguns médicos, foi conduzido para um hospital. Ali, à noite daquele mesmo dia, veio a falecer. Era um brilhante espírito, apaixonado pelos assuntos amazonenses e brasileiros. A obra que deixa consta principalmente de discursos e artigos de imprensa.

Leopoldo Peres nasceu em Pernambuco, na cidade do Cabo, mas foi levado aos seis anos para o Amazonas, e ali viveu, ali formou-se e fez a sua carreira. Pertencia à Academia Amazonense de Letras. Era autor de dois livros:

— Política e Espírito do Regime — Editora A Noite, Rio, 1940.  
— Getúlio Vargas — O homem e o chefe — 1945.

## NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

De acordo com o que fazíamos na primeira fase de Autores e Livros, vamos dedicar o último número de nosso nono volume (25 do corrente) a um autor estrangeiro. Na primeira fase os estrangeiros escolhidos foram Shakespeare, Anatole France, Verlaine.

Encerrando este nosso volume, vai ser incluído em nossas páginas Chateaubriand. E' o grande rio do Romantismo francês, o abridor dos caminhos que durante um século transitaram os poetas e os prosadores de toda o planeta. O centenário de sua morte transcorreu em Julho deste ano. Será em homenagem a ele, portanto, que daremos o nosso último fascículo deste volume.

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1946).

# OS JESUITAS, NOSSOS CRONISTAS DO PRIMEIRO SÉCULO

## VICENTE RODRIGUES

Nasceu em S. João da Talha, junto a Sacavém (Portugal), e entrou na Companhia de Jesus, como coadjutor, a 18 de Novembro de 1545.

Era irmão do Padre Jorge Rijo, que foi Ministro do Colégio de Coimbra, e daí vem ser chamado às vezes Vicente Rijo. Veio para o Brasil na 1.ª expedição (1549) com Tomé de Sousa e Nóbrega. Embora não possuísse grande instrução, possuía um grande espírito de entusiasmo e trabalho, e quinze dias depois de chegar ao Brasil já ensinava doutrina aos meninos e tinha uma "escola de ler e escrever". É esse um facto muito importante, para os que estudam as origens do ensino no Brasil, um facto que dá a Vicente Rodrigues a posição de um precursor. Coubelhe, com o Padre Francisco Pires, fundar a ermida da Nossa Senhora da Ajuda, em Porto Seguro. Ordenando-se sacerdote, dedicou-se ainda com maior aficção aos seus trabalhos. Em 1553, ao se fundar S. Paulo, estava em Piratininga. Em Abril de 1560 fez em S. Vicente os votos de coadjutor espiritual. Foi governador de várias residências, no decurso de 20 anos. Em 1562, estava em S. Paulo, e ali assistiu ao assalto que sofreu a cidade. Assistiu também ao assalto dos Tamolés ao Rio de Janeiro. Naufragou mais de uma vez. Era um homem de saúde precária, sofrendo de uma otite. Seus padecimentos eram tamanhos que ele chegou a pensar em regressar para Portugal, projecto de que o disuadiu o Visitador Cristóvão de Gouveia. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro, a 9 de Junho de 1600, tendo vivido 51 anos no Brasil.

### BIBLIOGRAFIA

- *Carta da Bahia de Todos os Santos em 17 de Março de 1552*. "Cartas Avulsas".
- Outra carta .... Idem.
- Cópia de uma carta de ... que está no Brasil na cidade de S. Salvador, das 17 de Setembro de 1552 — Idem.

### FONTES

- *Cartas Avulsas* — 1550-1568 — Edição da Academia.
- Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 6 volumes, passim (notadamente vol. 1.ª, página 50).

## AFONSO BRAZ

Era jesuíta e veio para o Brasil na 2.ª expedição (1550). — *Carta de Afonso Braz mandada do Porto do Espírito Santo do ano de 1551*. — *Cartas Avulsas* (1550-1568). Edição da Academia.

## O PLANO DE ...

(Concluído da pág. anterior): o grande escritor francês, cujo centenário de morte transcorreu este ano. No volume décimo, a iniciar-se em janeiro próximo, iremos tratar dos escritores baianos e pernambucanos, que ficaram marcando os primeiros momentos de nossa vida autónoma de pensamento e de poesia: um Gregório de Matos, um Vieira, um Salvador, um Botelho de Oliveira, tantos outros.

De forma que, com relação a esses cronistas vagos e ignorados do primeiro século, vamos encerrar a galeria no fascículo de hoje. São vários os autores que figuram em nossas páginas deste último fascículo dedicado ao nosso primeiro momento jesuítico. É fácil compreender a razão pela qual de cada um deles só nos foi dado apresentar a informação bio-bibliográfica.

## ANTONIO PIRES

Nasceu em 1519 em Castelo Branco, Portugal, e foi discípulo de D. Gonçalo da Silveira, mártir de Monomotapa. Entrou para a Companhia de Jesus em Coimbra, a 8 de Março de 1549. Veio para o Brasil na 1.ª expedição (1549), com Tomé de Sousa e Nóbrega. Em 1551 achava-se em Pernambuco. Sendo homem de muita habilidade e de muita força, dava-se aos trabalhos de carpintaria. Em Pernambuco, ajudou, com as suas mãos, a construção da casa de Nossa Senhora da Graça. Mais tarde, na Bahia, ajudou a construção da Ajuda e a do Colégio. Foi em Pernambuco, em nome do Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, Visitador Apostólico. Foi vice Provincial em 1570. Faleceu na Bahia no exercício

## FRANCISCO PIRES

Nasceu em Colorido da Beira, Portugal, e entrou para a Companhia de Jesus em Coimbra, a 24 de Fevereiro de 1548. Veio para o Brasil na 2.ª Expedição (1550). Dez anos depois era reitor da Bahia. Em 1555 era Superior em Ilhéus. Era bom operário, tendo trabalhado na construção de várias igrejas, como por exemplo a do Nossa Senhora da Ajuda. Era também incessante pregador, agraçando pouco, em virtude do muito que se alongava. Faleceu na Bahia, em Janeiro de 1588.

### BIBLIOGRAFIA

- *Carta para os Irmãos de Portugal* — Cartas Avulsas.
- *Tradução de alguns capítulos de cartas do Padre, que há vindo do Espírito Santo* — Idem.
- *Carta do Padre...* do Bra-



Igreja do antigo Colégio dos Jesuítas, na capital baiana

desse cargo, a 27 de Março de 1572.

### BIBLIOGRAFIA

- *Carta aos Irmãos da Companhia de Jesus, a 2 de Agosto de 1551*. (Cartas Avulsas). Esta carta fora antes publicada na Revista do Instituto Histórico, vol. VI.

## DIOGO JACOME

Nasceu em Portugal e pertenceu à ordem dos Jesuítas, como irmão (12 de Novembro de 1548). Veio para o Brasil na 1.ª Expedição (1549) com Tomé de Sousa e Nóbrega. Aqui teve parte destacada nos trabalhos da primeira catequese, na Bahia, em Porto Seguro, nos Ilhéus, em S. Vicente e Piratininga. Aprendeu sozinho a trabalhar no torno, e ensinou essa arte aos índios. Ordenou-se sacerdote na Bahia, em 1562. Faleceu a 10 de abril de 1565, na aldeia de Nossa Senhora da Conceição (Espírito Santo), vítima de uma epidemia de varíola que então grassava, e na qual ele se desdobrou em serviços aos enfermos.

### Bibliografia:

- *Carta do irmão ... para os Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra* — Cartas Avulsas, pág. 101.
- Fontes:
  - *Cartas Avulsas*. 1550-1568. Edição da Academia.
  - Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, passim (notadamente tomo I, págs. 237-238).

sil de novas depois de Geral — Idem.

- *Carta do Padre ... com outra do irmão Antonio Rodrigues para o padre Nóbrega* — Idem.
- *Carta do Padre... para o Padre Couto*. — Idem.

### FONTES

- *Cartas Avulsas* — 1550-1568 — Edição da Academia.
- Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 6 vols. Passim (notadamente vol. 1.ª, pág. 61).

## JOÃO DE AZPICUETA NAVARRO

Nasceu em Navarra, na Biscaia (Espanha) e era sobrinho do Dr. Martin de Azpicueta Navarro, professor da Universidade de Coimbra. Era parente de Santo Inácio e parente de São Francisco Xavier, "verdadeiro imitador de suas virtudes". Inflamado de ardente zelo religioso, fez-se jesuíta (22 de Dezembro de 1545). Veio para o Brasil com Manuel da Nóbrega, na primeira expedição (1549). Logo aprendeu com facilidade a língua tupi, tornando-se grande catequista. Traduziu para essa língua o Catecismo, numerosos sermões, vários trechos do Velho e do Novo Testamento (1561).

Em 1563 recebeu do Governador Geral Tomé de Sousa ordem para "ir com uma homagem que, por El Rei, vão a descobrir terras pelo sertão". Partiu o Padre para essa expedição — que foi a primeira que se reali-

zou em terras mineiras — levando doze homens. Era comandante da bandeira Francisco de Espinosa. Chegaram os expedicionários aos rios Jequitinhonha e João Francisco, e nesses longínquos sertões ergueram ermidas. O periplo da viagem, segundo a estimativa de Navarro, foi de 350 léguas.

Em 1555 já estavam eles de volta à Bahia. Navarro trabalhou mais algum tempo em Porto Seguro, e depois nas Aldeias da Capitania. Faleceu a 30 de abril de 1557, sendo enterrado na velha Igreja do Colégio.

### BIBLIOGRAFIA

- *Cartas Avulsas* — 1550-1568. Publicações da Academia Brasileira de Letras. Traz do Padre Navarro:
  - *Extrato de uma carta... da Índia do Brasil a 28 de Março de 1550*.
  - *Carta ... da Cidade do Salvador no ano de 1551*.
  - *Carta de Porto Seguro, a 24 de junho de 1555*.
  - *Novas Cartas Jesuíticas* (de Serafim Leite), Brasiliana, 194. Traz de Navarro:
    - *Carta aos Irmãos de Coimbra, de Porto Seguro, 19 de Setembro de 1553*.

### FONTES

- Barbuda, Júlio — *História da Literatura Brasileira*, pág. 106.
- Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, passim (notadamente vol. II, pág. 173).
- *Páginas de História do Brasil* (pág. 44).
- *Novas Cartas Jesuíticas* — Brasiliana, vol. 194.
- *Virtudes do Padre Navarro e sua morte* — Apêndice à Quadrimestre de Janeiro até abril de 1557. — *Cartas Avulsas*, pág. 164.

## LEONARDO NUNES

Nasceu em S. Vicente, Beira, do Bispo da Guarda (Portugal). Entrou na Companhia de Jesus em Coimbra, no dia 6 de fevereiro de 1548. Veio para o Brasil em 1549, na 1.ª expedição, dirigida por Tomé de Sousa e Manuel da Nóbrega. Chegado a S. Vicente em fins de 1549 ou começo de 1550, levava 10 meninos. Passou para Piratininga, levando outros meninos, aos quais juntou vários outros, filhos dos povoadores portugueses ou dos índios. Abriu assim o primeiro seminário, onde se aprendia português, leitura e escrita, e até latim. Indo para a Europa, em 1564, naufragou a 30 de junho. Conforme testemunharam alguns sobreviventes, ele animou os naufragos com a cruz alçada até que se afundou nas águas.

É uma figura de rara energia, de raro poder de ação espiritual e moral, no Brasil dos primeiros tempos. Serafim Leite diz que ele deve ser considerado "o primeiro Apostolo do Estado de S. Paulo".

### Bibliografia:

- *Carta de São Vicente no ano de 1550* (Cartas Avulsas).
- *Carta de São Vicente a 20 de junho de 1551* (idem).
- *Carta a Nóbrega, de São Vicente, 29 de junho de 1552* (Novas Cartas Jesuíticas, pág. 125).
- Fontes:
  - *Cartas Avulsas* — 1550-1568 — Edição da Academia.
  - Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil* — 6 vols. Passim (notadamente vol. I, págs. 252 e segs.).
  - *Novas Cartas Jesuíticas*.

## LUIZ DA GRÁ

Nasceu em Lisboa por volta de 1523, e era filho de António Taveira. Estudou Direito Civil e fez o Curso das Artes em Coimbra. Entrou para a Companhia de Jesus em 20 de Junho de 1543. Foi reitor do Colégio de Coimbra (1547-1550). Veio para o Brasil na 3.ª Expedição (1553) com D. Duarte da Costa e Anchieta. Ficou na

Bahia, como colateral de Nóbrega, enquanto este se achava no Sul. Foi depois reitor na Bahia e em Pernambuco, e, em certo tempo acesor do Santo Ofício. Sua energia era tanta que, já velho e fraco, em seus serviços de catequese, longas caminhadas, e nelas se mostrava de tão bom espírito que "parecia mancebo de vinte anos". Era muito humilde, também, e chegou a tirar escolas de porta em porta. Foi no cargo de reitor do Colégio de Pernambuco que faleceu a 16 de novembro de 1600, depois de 60 anos de Companhia e 56 de vida no Brasil.

### BIBLIOGRAFIA

- *Diálogo da doutrina Cristã para uso das escolas*.
- *Alguns capítulos de uma carta para o Padre Doutor Torres* — Cartas Avulsas.
- *Carta a Santo Inácio, da Bahia, 27 de Dezembro de 1553*.
- *Novas Cartas Jesuíticas* (de Serafim Leite).
- *Carta do Espírito Santo, 24 de Abril de 1555* — Idem.
- *Carta a Santo Inácio, de Piratininga, 7 de Abril de 1557*. Idem.

### FONTES

- *Cartas Avulsas* — 1550-1568 — Edição da Academia.
- Leite, Serafim — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, passim (notadamente 2.º volume, pág. 473).
- *Novas Cartas Jesuíticas*.

## ANTONIO RODRIGUES

Nasceu em Lisboa e cedo veio para a América do Sul, como soldado de Espanha. Assaltou a fundação de Buenos Aires, a de Assunção, acompanhou Itala através do Chaco, e com Ribera penetrou pelo rio Paraguai até o interior do Brasil. Em 1553, em S. Vicente, entrou para a Companhia de Jesus, ordenando-o o Padre Nóbrega. Foi um dos fundadores de S. Paulo, e coube-lhe a tarefa de instituir as aldeias jesuíticas da Bahia de Todos os Santos. Serviu também no Espírito Santo. Era um exímio cantor e tocador de flauta. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1588.

### BIBLIOGRAFIA

- *Cartas (cinco) enviadas da Bahia nos anos de 1550 e 1561*. Cartas Avulsas — 1550-1568. Edição da Academia.
- Cópia de uma carta do irmão ... para os irmãos de Coimbra (Novas Cartas Jesuíticas, de Serafim Leite).

## PERO CORREIA

Muito pouco se sabe desse autor. Era português, e pensase que chegou ao Brasil em 1534. Foi aventureiro, tendo vivido em lutas com os índios: motivo esse que mais tarde o impediu de ordenar-se. Foi admitido na Companhia por Leonardo Nunes em 1550, aliando-se que foi o primeiro que entrou no Brasil. Deu desde então exemplos de grande virtude, pretendendo Nóbrega conseguir que ele se ordenasse. Era em 1553 o único pregador em São Vicente. Pôs em estilo da língua da terra a *Suma da Doutrina Cristã*, e por isso (diz Serafim Leite) deve ser considerado "o primeiro tupinólogo brasileiro". Evangelizou os Tamolés, Tupia, Tupitiquins e Carijós. Em 1554 (agosto) foi enviado por Nóbrega, juntamente com o irmão João de Sousa, para uma missão de paz: a procurar criar o entendimento entre os Tupis e os Carijós. Foi desastrosa a missão, sendo os dois pacificadores assassinados pelos Carijós, os quais se viram instigados a isso pelos conselhos de um espanhol, inimigo dos padres.

### BIBLIOGRAFIA

- *Suma da Doutrina Cristã*. Tradução para a língua tupi.



## GALERIA JORNALISTICA

## TIMON E A TÉCNICA DAS REVOLUÇÕES

Renato Sergio Fausto Jobim

Poucos escritores brasileiros realizaram tanto como esse maranhense João Francisco Lisboa. Não pertencem à estirpe de homens que se restringem a um círculo vicioso de idéias e convenções; comparando suas atividades às de Rui Barbosa, que viria depois, podemos dizer, dêsse notável polígrafo, que possuía a capacidade pessoal de introduzir-se além dos limites de seus conhecimentos. Explicando melhor, João Francisco Lisboa é uma fonte onde os assuntos políticos, sociais e literários encontram acesso, quaisquer sejam os homens, quaisquer sejam as épocas.

Porque o autor do "Jornal de Timon" é um tema perenemente aberto às análises mais profundas e às mais elucidativas meditações. Se os adjetivos, no momento atual, perderam tanto de seu valor e de seu próprio significado, conforme assinala Carlos Drummond de Andrade no "Poé-



Renato Sergio Fausto Jobim

ma das Sete Faces"; se a situação de hoje, estudada talvez com abundância de retórica por Roland Corbisier, — é a mais desola-

dora e a mais sáfara de todos os tempos; se os homens não se conhecem e as doutrinas se evadem das conclusões lógicas do raciocínio — mesmo assim João Francisco Lisboa permanece inalterável, porque é uma figura do passado, e nos serve de exemplo; na sua configuração tradicional é mais um mistico do que propriamente um homem.

Não exageramos. O misticismo em João Francisco Lisboa, assim como em Joaquim Nabuco, em Rui Barbosa e com menos realce em Tavares Bastos, sempre existirá para as gerações posteriores. Misticismo que se concentra na tortuosidade, mesmo, dos princípios errôneos, dos paradoxos desbaratados; não adoração servil, mas admiração e respeito, sobretudo respeito, pela obra realizada e pelo suor de quem a realizou.

Filho de principal família de província, nascido em Doreas do Itapicuru, no pequeno Estado do Maranhão, este fecundo publicista e historiador abriu os olhos para o mundo em 22 de março de 1812. Aos onze anos, de fraca complexão, sujeito desde o berço a repetidas enfermidades, repousava nas quietas matas de uma fazenda, em colíquo amoso com as muralhas dos regatos e das árvores. Aos quinze anos entra para o comércio como simples caixeiro, mas logo abandona o emprego; sua vocação, como a de tantos escritores, não seria a de apodrecer na obscuridade; e arrastado, ainda no começo da adolescência, pelo pendor das letras, entregase ao estudo de humanidades, cursando aulas públi-

Mas foi aos vinte anos que Lisboa lançou-se no jornalismo, publicando sucessivamente os jornais "O Brasileiro", "O Eco do Norte", (1832-1834) e redigindo mais tarde (1838) a "Crônica Maranhense". Nomeado secretário do governo de sua província, cargo que ocupou durante três anos, foi eleito anos depois deputado à Assembleia Legislativa provincial.

Seria, entretanto, 1832 o ano escolhido para o início da publicação do famoso "Jornal de Timon", em que são esboçados com absoluta exatidão dos termos os regimes eleitorais desde a Grécia antiga até as nações contemporâneas, partidos e eleições no Maranhão. Tais publicações, reunidas em dose fascículos após sua morte, constituem o principal das "Obras Completas".

"Timon vai escrever sem pretensões de qualidade alguma", pondera o autor no prólogo — não um livro, mas um simples jornal; e ainda menos que isso, um jornal de província de segunda ordem; e todo o seu empenho será expor com singeleza e lisura o que a observação e a experiência, ajudadas de alguns poucos e interrompidos estudos, lhe têm podido ensinar.

O modesto Timon seria o mais exigente dos cronistas históricos. Por outro lado, nutrido pelo interesse de alertar os homens (quase inútil interesse que muitas vezes é a causa da abundância dos mártires...), estende-se em consideráveis políticas num substancioso

## EXPLICAÇÃO DESTA "GALERIA JORNALISTICA"

Desde que, em começos deste ano, o diretor de AUTORES E LIVROS assumiu a cátedra de professor de Ética, História e Legislação Jornalística, no Curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, teve uma preocupação: a de criar no espírito dos seus alunos o estímulo para que viessem a dedicar-se com entusiasmo e amor ao estudo dos grandes vultos do nosso jornalismo do passado.

Para atingir esse fim, o professor estabeleceu, com prévia anuência da diretoria da Faculdade, que os dez melhores trabalhos apresentados como estágio, em outubro passado, seriam publicados nas páginas de AUTORES E LIVROS. O resultado foi o mais promiss-

sor. Não dez trabalhos dignos de tal prêmio, porém quinze, porém vinte, teve em mãos o professor.

Desses, dez vão ser publicados em nossas páginas de hoje. Vários outros ficarão em nossa gaveta, e serão apresentados oportunamente, de acordo com o espaço de que dispusermos. Pelos trabalhos que inserirmos em nossas colunas, verão os leitores o nível de aproveitamento que vão tendo os alunos do Curso de Jornalismo; e verão também que é possível realizar-se o desejo que sempre expressou o professor da cadeira de Ética: que do Curso que se iniciou este ano venha a surgir afinal uma coisa que até agora parecia impossível — a criação da história, verdadeira e minuciosa, do jornalismo nacional.

— Cópia de uma carta ... para o Padre Belchior Nunes de Coimbra (Cartas avulsas).  
— Cópia de uma carta ... (idem).

## FONTES

— Leite, Serafim — História da Companhia de Jesus no Brasil, 6 vols. Passim, notadamente vol. 4 (pág. 236).

## PERO RODRIGUES

Nasceu em Évora, Portugal, em 1542 e entrou na Companhia de Jesus a 15 de Fevereiro de 1556. Tinha grande conhecimento de Latim, Filosofia, Teologia, Artes Liberais (em que era mestre). Foi reitor dos colégios de Funchal e Bragança, visitador da Província de Angola. Em 1594 veio como Provincial para o Brasil. Na Bahia muito batalhou pelas missões entre os Maromonios, os Amolpiras e os Potiguara, deixando sobre elas notícias importantes, algumas das quais se conservam ainda hoje inéditas. Muito se esforçou pelo incremento do Colégio da Bahia. Ao receber a comunicação de que o Padre Fernão Cardim havia sido capturado pelos cor-

sários em sua viagem para a Europa, determinou fossem em Lisboa tratados o imediato resgate daquele sacerdote, "ainda que seja preciso vender os cálices dos altares." Mais tarde, tendo de viajar para o Sul do país, escolheu em segredo o mesmo Fernão Cardim para seu sucessor, no caso de que lhe acontecesse naufragar ou ser capturado pelos corsários. Deixou o cargo de provincial em 1603. Faleceu no Colégio de Pernambuco em 31 de Dezembro de 1628.

## BIBLIOGRAFIA

— Anuário do Brasil, sendo provincial, escrita em 1.º de Maio de 1597 ao Padre Assistente João Álvares. Por Alexandre de Siqueira, 1598, 8.º.  
— Vida de Anchieta. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, XXIX, 199.

## FONTES

— Leite, Serafim — História da Companhia de Jesus no Brasil, 6 vols., passim (notadamente 2.º vol., pág. 496).  
— Novas Cartas Jesuíticas.  
— Páginas da História do Brasil.  
— Silva, Inocência da — Diccionário, vol. 6.º.



Página de rosto da 1.ª edição da ARTE DA GRAMMÁTICA DA LINGUA MAIS USADA NO BRASIL, de Anchieta (Coimbra, 1596)

Sem dúvidas os tributos artísticos de uma determinada época podem isolar-se dos tributos futuros, sujeitos aqueles a uma notória estabilização. Mas os processos contínuos de transformação não permitem um rigoroso isolamento. As influências de escola contribuem para a expansão da obra, e sua consequente valorização; poderemos, no entanto, chamar a esse impulso absolutamente natural, de evolução? Se um escritor, no início de sua carreira, fundamenta seus trabalhos na obra de um mestre, como acontece na maioria dos casos, até adquirir real autonomia de suas capacidades, não há evolução. O que há é o aproveitamento bom ou mau dos poderes pessoais que o seu criador legou ocasionalmente ao mundo que o cerca. Nesse processo de "dissecamento alheio", reproduzido em diversos processos (um deles o pasticho), não há propriamente evolução, mas sim desdobraimento. O naturalismo francês gerou o naturalismo brasileiro; logo, dizer-se, por exemplo, que a obra de Júlio Ribeiro é original, parece-nos incongruência. Mas de onde surgiu, por seu turno, o naturalismo francês? Das outras escolas anteriores. Não houve evolução, porque cada escola tomara, mais tarde, cunho próprio, contradição até certo ponto as outras. Todo esse esforço que se observa de geração para geração nada mais é do que uma renovação de idéias e não a sua evolução. Qualquer advento pretende ser totalmente novo, revolucionário; assim também as escolas literárias, assim também a própria política. Nem a ciência escapa dessa pretensão, que é uma tentativa de renovação dos princípios anteriores. O que existe, e em grande quantidade, é o fermento das revoluções, às quais o homem se atrai de corpo e alma na ansiedade de sobrelevar seus ideais. A revolução, tanto no terreno artístico, científico, político, etc., é uma realidade evidente; mas a evolução desses elementos revolucionários não transparece muito quando a obra se modifica. Porque a evolução é relativa, e a revolução absoluta.

Dêse modo, a longa história das civilizações antigas e modernas nada mais é do que a continuidade de um não menos longo enredo, em que os personagens

Parece-nos leviano declarar que a mentalidade humana evoluiu satisfatoriamente do século passado para os dias que correm.

# GALERIA JORNALISTICA

Justiniano José da Rocha

Ademir Ribeiro do Vale de Araújo Lima



Ademir Ribeiro do Vale de Araújo Lima

Em consequência das guerras napoleônicas, o período de 1813 a 1860 é de alternativas políticas, sociais e econômicas para todo o mundo. A situação das Américas se modificou profundamente no regime político e o Brasil não fez exceção.

Com o bloqueio continental, a família real portuguesa veio para o Brasil, resultando acontecimentos que muito influíram na nossa história: — o regresso de D. João VI em 1821, para Portugal, sendo substituído pelo filho D. Pedro I; um período de reação contra a corte portuguesa até o dia do "Fico", a 3 de Janeiro de 1822. E, em Setembro do mesmo ano é proclamada a independência. Com a abdicação de D. Pedro I, em 1831, seguem-se dois períodos regenciais, e logo após, o governo de D. Pedro II, com o ministério da "maioridade". Nessa fase de reverses políticos, aparecem brasileiros ilustres que se batem por um Brasil melhor, com a "poderosa alavanca de suas penas": Ledo, Januário da Cunha Barbosa, Evaristo da Veiga, João Francisco Lisboa, Torres Homem, Nabuco de Araújo e outros.

Justiniano José da Rocha é a figura mais simpática dessa segunda metade do século XIX, pelo temperamento "alegre, fol-

pa os incômodos, trabalhos, perigos e sofrimentos atroz que costumavam acompanhar as mudanças".

Timon temia essas "mudanças"; afeiçoara-se demasiadamente à fisionomia da realidade. Já muito havia escrito sobre as revoluções, mas não as desejava para o Brasil. Teria razão? Absurdo seria se nos fossemos preocupar com águas passadas, em tão curto espaço; um ensaio metucioso demonstraria a verdadeira situação daquela época. Os motivos desta sua recusa pelo ideal revolucionário, explicou-os Timon na sua exegese, por largos anos, e foi o que tentamos resumidamente esclarecer. Para o redator da "Crônica Maranhense", "les hommes qui nous conduisent aux révolutions ne savent pas ou ils vont." (Lamennais). Após uma série de atividades no jornalismo e na política, segue para a capital portuguesa, onde morre em 26 de abril de 1863. Hoje repousa na capela-mor do Convento do Carmo, em sua terra-natal.

Tudo o que restou desse mestre, o tempo não apagará nunca; deixem-se passar os anos, os lustros e até os séculos; deixem que os homens percam a réstea de discernimento que ainda possuem por tradição. A própria vida, na sua inexorável majestade, cria e destrói a matéria, nos seus caprichos que a ninguém é dado colir. A despeito da transitoriedade da vida e das idéias, homens como João Francisco Lisboa estão sempre falando às gerações que os sucedem.

gazo e conversador exímio". Escrevia com extraordinária facilidade, sem que a conversa ou visitas de amigos o perturbasse. Cercado de passáros e de crianças em perpétua algazarra que incomodaria a qualquer outro, o jornalista carioca discute os problemas mais sérios do país, escreve artigos admiráveis, inclusive inúmeras obras que legou à posteridade.

Nasceu na soberba cidade do Rio de Janeiro a 8 de Novembro de 1812. Iniciou seus estudos literários no colégio de Henrique IV em França, onde revelou talento, obtendo os primeiros prêmios. De regresso à pátria, frequentou o curso de ciências jurídicas e sociais na Academia de São Paulo, onde bacharelou-se em 1833. Contava apenas vinte e seis anos de idade em 1833, quando ingressou no magistério, ocupando a cadeira de história e geografia no Imperial Colégio Pedro II. Exonerando-se, foi nomeado lente de direito militar em 1841, da Escola Militar de Rio de Janeiro; ali ficou até 1845, quando da extinção daquela cadeira. Voltou a lecionar francês e latim naquele mesmo estabelecimento, em 1850, e, nesta mesma ocasião exercia a profissão de advogado com poucos resultados, talvez pela tendência política que o dominava.

Além dos vários cargos exercidos no magistério, têmho-lo como sócio dos mais antigos do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e membro do conselho diretor de instrução primária e secundária do município da corte.

Homem de talento e invulgar atividade, representou como deputado a província de Minas Gerais em três legislaturas, com pouco sucesso, por lhe faltarem qualidades de bom orador.

No entanto, a partir de 1836, funda na imprensa os periódicos *Atlante* e *Cronista*, passando a figurar como estirpe de primeira grandeza entre seus companheiros de jornal.

Conforme opinião de valores críticos é comparado a jornalistas de destaque durante a independência e de modo muito especial a Evaristo da Veiga (1831), pelo fulgor da sua pena, excedendo-o mesmo "em ilustração, em máxima habilitação de escritor "estrategista", nos combates da imprensa". Comparando-o a Torres Homem, seu contemporâneo, Silvio Romero pondera: "Justiniano tinha menos que Torres Homem o talento oratório e certa pose em que seu rival era mestre exímio. Excedia, porém, ao futuro barão de Inhomirim na utilidade de talento, na espontaneidade da exposição e do estilo, na capacidade de interpretar os sinais do tempo, a corrente das idéias, a evolução das coisas políticas.

Como jornalista, era-lhe muito superior e, cumpre acrescentar que não encontrou ainda quem o excedesse".

Na política foi intrinsecamente conservador, fazendo aferrada oposição a Petrólio no combativo jornal "O Cronista", que durou de 1836 a 1839.

O ano de 1840 é remarcável pela atuação política de dois grandes partidos: o liberal e o conservador. Nesta fase de agitação em que se encontrava o país, é que Justiniano Rocha funda o famoso periódico "O Brasil", e através deste, combate com tenacidade e brilhantismo a causa da maioridade de D. Pedro II e com energia ataca o ministério da "maioridade" de 25 de Julho. Concorre para a queda da corrente liberal e para a vitória do seu partido, que volta ao poder a 27 de março do ano seguinte.

Firme nos seus ideais, o líder do partido conservador continua escrevendo no mesmo jornal os artigos políticos "Prós e Contras" em contraposição

procuram alcançar a satisfação de suas aspirações: nessa maldada procura, a evolução dos processos empregados é mínima, já que as forças instintivas, contra as quais é inútil lutar, impedem-nos de sublimar sua realidade. O homem crítico e honrado lança-se num empreendimento de vida ou de morte, e perde sua honradez e seu critério. Haverá, na história das civilizações antigas e modernas, uma autêntica e produtiva evolução? Evolução de que? Objetar-se-á: — evolução de idéias. Mas as idéias naturalmente sofrem um desenvolvimento normal como todos os seres e coisas da terra, e não será preciso ler Darwin ou Marx para aceitar este princípio... O que nos parece exagero é dizer que o homem passou por profundas transformações na sua inteligência; mesmo as revoluções vitoriosas, em qualquer campo, evidenciam um primitivismo grosseiro.

O mesmo acontece na história; veja-se, em se tratando do Brasil, o que João Francisco Lisboa escreveu, num rasgo do que alguns chamariam de lealdade anti-patriótica: "O nosso primeiro imperador D. Pedro, subindo ao Ipiranga, em 7 de setembro, e sublevando-se a um tempo contra a autoridade do rei e do pai, mostrou-se e efetivamente foi grande e acérrimo revolucionário, não menos na forma que no fundo, pois na divisa da separação proclamada, ao grito de — Independência — acrescentou a alternativa sanguinolenta: — "Morte".

Timon traçara o seu objetivo um pouco vago: — analisar as revoluções do mundo, mas nunca a sua evolução...

Por certo tinha razão Antônio Henriques Leal, prefaciando as "Obras Completas", quando dizia que os talentos comuns, enquanto consomem horas de labor em perceber uma verdade, "descobrem-na as felizes inteligências entregues quase à inspiração". O crítico revolucionário que João Lisboa adotou para si próprio, para o ajuste de suas capacidades, haver-lhe-ia de roubar as miríadas lúidas da vida, que a fertilidade dos sonhos impregnara de sentimentalismo. A revolução realizada por seu espírito batalhador seria a causa principal de sua soberania; Lisboa, antes de criticar as revoluções do mundo, introduziu nas suas atitudes a transformação que se opera nos homens de responsabilidade.

Mas que património possuímos nós, os moços de hoje, em relação aos moços de ontem? Em que seremos capazes de substituir, de ultrapassar, de vencer? A glória é fortuita e muitas vezes passageira, já cantava o poeta:

"Ó glória de mandar, ó vã  
(cobiça)  
Desta vaidade a que chamamos fama!"  
(Lusiadas, XCV, canto IV)

Estúpidos aqueles que, no arrebato das primeiras demonstrações da inteligência, rompem audaciosamente o alvéolo da modestia e estrugem na levandade condenável. Para estes moços o mundo é tão pequeno que lhes cabe inteiro na cabeça; e não temem o julgamento dos mais velhos. O "Conselho aos Moços", de Rui, se transforma em simples instrumento de retórica; del-

xai Carlos Wagner mofar na sua filosofia do "Valor". Esqueçemos um Castilho, um Cândido de Figueiredo, um Gonçalves Vianna, um Antoine Albailat — sorrisos pejorativamente dos mestros da língua. Não temos paciência e interesse para ler um bom livro de cabo a rabo; folheámo-lo, apenas. E, depois, é julgar, sem nenhuma responsabilidade, como os redatores de Fradique Mendes, "sobre coisas da terra e do céu"...

Em 20 de julho de 1897, na sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, um velho político do Império e grande orador parlamentar evocaria com a seriedade dos patriarcas desiludidos: "Os que envelhecem não compreendem mais o valor das ilusões que perderam; os jovens não dão valor à experiência que ainda não têm".

Pertencente ao pequeno círculo dos homens que não se fundem na vulgaridade, isento de influências perniciosas, João Francisco Lisboa realizaria uma obra monumental que se chamou "Vida do Padre Antônio Vieira". Mesmo neste ambiente histórico e até certo ponto herético, sua visão se dirige para as revoluções. Há revolução em todas as coisas, no que pertence à natureza e no que pertence ao homem. Mas a causa da revolução entre os homens, da revolução sobretudo política, não encontra perfeito entendimento nos grupos sociais. Para Timon "não é o acidente dos meios brandos ou violentos que pode justificar as revoluções; que a força e legitimidade delas está na sua justiça".

No entanto era preciso decidir-se em meio aos meandros da situação do seu tempo. A abdicação do primeiro Imperador, em 1831, marcou no espírito do jovem Lisboa o vínculo indissolúvel das grandes reformas. O conflito entre moderados e exaltados repercutia mesmo no longínquo Maranhão, onde os lusitanos não gozavam de boa estíma. Tinha Lisboa, nesse tempo, 20 anos, e estreou na vida pública de sua província aproveitando aquela crise de caotismo. Até os quarenta e três anos de idade viveu em sua terra, e só mais tarde veio conhecer a capital da República. Em 1853 os homens e as idéias não lhe pareciam dignos de confiança: "Ora, Timon, pouco confiado senão tímido e pusilânime por temperamento, algum tanto experiente em nossas coisas, e escarmentado em tantos exemplos alheios, não se sente de nenhum modo inclinado a associar-se aos nossos partidos, conhecendo que de todo lhe falecem as forças e aptidões indispensáveis para corrigi-los e guilá-los bem". E, mais adiante, esta impiedosa declaração: "No meio destas pequenas facções não vejo a pátria".

Está diante de um grave dilema: — a realidade ou a democracia. Despontavam, no país, os arbóres de uma nova etapa, a exemplo da Inglaterra, do Chile, da Argentina, e de outras nações emancipadas. O venorando Timon hesita; sua formação conservadora, porém, escapa na torrente das palavras incisivas: "Evitemos não menos óses apóstolos e reformadores que por levandade, amor próprio, orgulho, fanatismo ou perversidade, erigindo a revolução em doutrina e sistema

permanente, nos impelem para o abismo, e como a filha de Danáu, imaginam remoçar e regenerar as nações, dilacerando-as sem piedade, e cosinhando os membros mutilados na sua grande caldeira revolucionária". O tom solene, de oratória, denuncia seu estado emocional: "Sem dúvida, a democracia, que é a intervenção de todos no governo de todos, e a igualdade que daí resulta entre os homens, tem tido um desenvolvimento patente, estrondoso, universal, duradouro, e apresenta todos os caracteres do providencial..." (seguem-se vários exemplos). Cada dia o esto popular cresce e monta, e ameaça atingir as posições mais elevadas e sublimas. Mas a realidade subsiste apesar disso, e nos recentes e terríveis embates a que se viu exposta, triunfou por toda a parte dos seus formidáveis adversários".

Grande visão pública possuía mestre Timon. Para ele, se a democracia viesse a tornar-se realidade no Brasil, a perdição seria maior e irremediável. Seu pessimismo, alimentado por pacientes observações do passado e do presente, tornou-o capaz de se transformar num autêntico escorocópio dos homens e das doutrinas. Temia, de agora em diante, as imprecações dos irresponsáveis: "E pela palavra e pelas discussões, na imprensa e na tribuna, que o abuso sobretudo se revela. Não que a palavra tenha feito entre nós essas devastações que a assinalaram em outros grandes teatros revolucionários, onde os homens, tendo-se reciprocamente espoliado, e havendo vertido o sangue uns dos outros, tinham a expor-se muitas verdades duras e cruéis. Aqui, transformada em garrulice e declamação, desacreditada e inútil, tem simplesmente gerado o tédio e a indiferença".

Comentamos nós: se Lisboa vivesse nos tempos atuais, não necessitaria de corrigir esse ponto de vista...

Mas, diante de toda essa magnífica enxurrada de conclusões punitivas e acertadas, quando os processos políticos já eram levados a efeito por simples mimetismo e sem nenhuma aspiração transcendente, o incansável Timon pregava a justiça, a prudência, a tolerância e a moderação — "sem estas grandes virtudes, nada se pode fundar de útil, estável e glorioso que seja". Urgia um equilíbrio mais acentuado das suas convicções, o ele declara que "censurou a impolítica e absurda negação de todo direito revolucionário; condenou também o abuso contrário; resta-lhe agora condenar o abuso não menos funesto e criminoso das repressões implacáveis e cruéis". E, para que não pareça dúvida quanto à sua finalidade, obtemperas: "Não escrevo um tratado, aventurei apenas rápidas reflexões que possam pôr de sobreaviso governantes e governados".

Há um pequeno trecho, nas considerações gerais sobre o direito revolucionário que antecede os "Apontamentos para a História do Maranhão", imprescindível à compreensão de suas idéias: "A conclusão que tirei de tudo isto é que o mais tolerável e preferível, senão o melhor, é o que existe, quando mais não fosse, porque nos pou-



# GALERIA JORNALISTICA

## MACHADO DE ASSIS ALCINDO GUANABARA

Hugolino Guanabara Figueira de Mendonça

Maria Cecilia Ribas Carneiro

Sobre a verdadeira origem deste grande escritor e jornalista, muito se tem escrito; no entanto, persiste a dúvida se foi mesmo na chácara de um Cônego Felipe, onde seus pais eram agregados, situada no morro do Livramento. Há quem afirme ter sido num nobreza à rua São Luiz Gonzaga, em São Cristóvão. O certo é que, a 21 de Junho de 1839, veio ao mundo aquele menino pardo que seria mais tarde uma das glórias do jornalismo brasileiro. Joaquim Maria era filho de pais muito pobres. Francisco José de Assis, seu pai, era pintor de casas, e Maria Leopoldina Machado de Assis, sua mãe, era lavadeira. Ambos mulatos, gente humilde, mas honesta e organizada.

Sua infância decorreu como a de qualquer outro menino nas mesmas condições, a se aventurar pelas embarcações que atracavam na Praia de São Cristóvão. De saúde precária, era Machado de Assis, um menino franzino e feio, porém precoce e observador. Em seus romances, notadamente "Memórias póstumas de Brás Cubas" e "Quincas Borba", retratou com fidelidade esses ambientes que o cercaram na infância. A gaueira desde o início se manifestou nele, fazendo com que se afastasse dos companheiros que se divertiam à sua custa. Daí talvez tivesse resultado o seu temperamento desconfiado, retraído, introvertido. Joaquim Maria encontrava refúgio contra as zombarias dos companheiros nos braços de sua mãe e na irmãzinha que brincava com ele tão carinhosamente. Bem cedo, entretanto, as perdeu. Isto agravou mais ainda o temperamento triste de Machado. Pouco tempo depois seu pai tornou a casar-se e deu ao filho uma boa madrasta, que foi muito carinhosa com aquele menino tão fraco.

Então em meio pobre, Machado de Assis não vivia entre gente bronca. Foi de sua madrasta Maria Izol, que recebeu as suas primeiras lições. Mais tarde foi posto numa escola pública. Desde logo manifestou um grande amor pelo estudo, entusiasmo esse que conservou até o fim da vida. Com a morte de seu pai, Joaquim Maria teve de ajudar sua madrasta no sustento. Entretanto, seu amor pelos livros persistia. Aproveitava todos os momentos de folga para estudar, e procurava ler tudo o que lhe caísse às mãos. Do convívio com um forneiro francês de uma padaria da rua São Luiz Gonzaga, resultou o aprendizado da língua francesa.

O ponto de apoio para o início de sua carreira literária, Machado de Assis encontrou no coração generoso de Francisco de Paula Brito, o dono da Livraria do mesmo nome. Esta atividade literária, assim iniciada no ano de 1859, durou ininterruptamente 53 anos!

Da mesma maneira que Machado de Assis, outros jovens promissores foram se chegando ao bondoso livreiro, como por exemplo Casimiro de Abreu.

A 21 de Junho de 1855, saiu publicada a primeira poesia daquele mulatinho franzino: "Um anjo", possivelmente inspirada nos encantos da prima-dona italiana Casaloni. Em 1856 entrou para a Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. Al ficou dois anos, tornando-se grande amigo do diretor, o romancista Manoel Antônio de Almeida. Por esta época reiniciou seus estudos graças à bondade do Padre Mestre Silveira Sarmiento. Em 1858 saindo da Imprensa Nacional passa a ser revisor de provas na casa de Paula Brito. No ano seguinte inicia o mesmo trabalho no "Correio Mercantil", graças à influência de Francisco Otaviano.

A primeira colaboração em prosa que fez, foi uma tradução de "Literatura durante a restauração" de Lamartine e data de 1857. Em 1858 inicia-se na crítica, aos 19 anos, reclamando con-

A figura mais expressiva do jornalismo brasileiro foi, incontestavelmente, a de Alcindo Guanabara. Está imortalizado na história da nossa imprensa.

Alcindo Guanabara era, antes de tudo, jornalista. E a sua vida inteira de grandes ideais patrióticos, batalhas memoráveis pelas justas causas nacionais, foi entregue ao seu jornal. Era um espírito avançado, humanista, vanguardista de toda a conquista da liberdade.

Natural de Guapi-Mirim, pequeno distrito do Município de Magé, no Estado do Rio de Janeiro, veio ao mundo no dia 19 de Julho de 1865. Filho de pais pobres, o futuro jornalista passou a infância na humildade do lar até atingir os 12 anos. Levado por seus irmãos, conseguiu emprego de bedel no Colégio Falcão, de Petrópolis. Ali, durante as aulas dos alunos sob sua guarda, prestava atenção às explicações dos mestres e, sem que ninguém o percebesse, tomava

tra a poesia indígena. Por esta época começou Machado a colaborar, além de na "Marmota", também no "Paraiíba", jornal publicado em Petrópolis. Em 59 fundou, com Eleutério de Sousa, o "Espelho", revista que teve pouca duração.

O Gabinete Português de Leitura era a fonte de que se servia para satisfazer à sua curiosidade literária.

Cedo afeccionou-se a Quintino Bocaiuva. Este era do mesmo feitio que Machado: discreto, comedido, porém mais brilhante e menos tímido. Quintino convidou-o a participar com Henrique César Muzzio, amigo de ambos, do "Diário do Rio de Janeiro", órgão liberal e de oposição ao governo. Machado foi encarregado do noticiário e dos debates no Senado, o que lhe valeu o convívio com Bernardo Guimarães, redator do "Jornal do Comércio". O "Diário do Rio" foi de grande importância na vida de Machado: tirou-o do amorismo, e a colaboração frequente fez com que amadurecesse rapidamente o espírito desse jovem de 21 anos. Nesses primeiros tempos foi um excelente jornalista, não se limitando a ser um cronista. Até os 26 anos foi Machado um jornalista corajoso e audaz, criticando sem escárnio as atitudes dos políticos da época. Em 1884, entretanto, quando começa a trabalhar na "Gazeta de Notícias", a convite de Ferreira de Araújo, já não tem mais esse ardor combativo. Talvez possamos atribuir essa mudança ao fato de então Machado ser um funcionário disciplinado da Secretaria da Agricultura.

Quanto ao aspecto religioso, Machado de Assis apesar de ter sido criado em ambiente religioso e de ter chegado mesmo a ser coroinha, foi aos poucos perdendo este misticismo. Quando atingiu à descrença total — em Deus e nos homens — é que produziu suas obras imortais. Acusado de materialista, procurou defender-se dizendo acreditar nas forças morais.

Em 1863, depois de já ter publicado algumas obras de pouco valor, edita o "Teatro" e em seguida, 1864, sai o seu primeiro volume de poesias — "Crislândia".

"A psicologia de Machado só pode ser feita levando-se em conta a sua arte. Também ela, como a epilepsia, há de ter abrangido a sua introversão, e contribuindo para que, no trato diário, fosse tão manso, tão suave esse nevropata".

Em 1868, por decreto imperial, tornou-se Cavaleiro da Ordem da Rosa.

Foi esse o período em que Machado de Assis se entregou à boemia alegre da rapaziada de então. Amava a música e era entusiasta do jogo de xadrez, encontrando em Artur Napoleão um bom companheiro. Machado de Assis, apesar dessa vida alegre de então, tinha horror à vulgaridade, detestando o Carnaval.

A 12 de Novembro de 1868 casou-se com D. Carolina Novais — "A Carolina", imortalizada em tão belo soneto de Machado. Então já era ajudante de Diretor de publicação do "Diário Oficial", por nomeação de Zacarias de Góis, cargo que conservou até 1874, além de ser colaborador em vários jornais.

Após o casamento, os seus padecimentos aos poucos se agravaram, fazendo com que fosse se afastando da vida tríplice, agitada, procurando satisfazer-se com o que tinha. Em 1878, por motivo de doença, Machado de Assis deixa todas as suas colaborações de imprensa. Obrigado a pedir licença na Secretaria, parte com D. Carolina para Nova Friburgo. E' então, aos 40 anos, que pela primeira vez tem férias e entra em contacto com a natureza. Isto bem se nota em seus livros, a falta da natureza.

Em 1888 o Imperador o faz Vogal do Conservatório Dramático; em 1888 a Princesa Isabel o faz Oficial da Ordem da Rosa. Em 1895 surge numa terceira fase a "Revista Brasileira". Ali começaram a se fazer reuniões literárias, onde um grupo homogêneo de intelectuais discutia os assuntos do momento. Foi ali que nasceu a ideia da Academia de Letras, ideia que partiu de Lúcio de Mendonça, em fins de 1896. A 15 de Novembro deste ano, começaram a fazer as reuniões preparatórias, e Machado foi aclamado Presidente. A 30 de Junho de 1897, no Pedagogium, realizou-se a sessão inaugural. Neste mesmo ano foi promovido no Ministério da Vição e Obras Públicas, e em 1902, sendo Ministro da Vição Lauro Müller, passou a ocupar o cargo de Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Vição, cargo que exerceu até morrer.

A 20 de Outubro de 1904, faleceu a sua companheira inseparável, a dedicada Carolina. Nesta hora de sofrimento, Machado teve o consolo de uma grande amizade: Mário de Alencar. Em 1906 inicia seus estudos de grego, demonstrando a sua inesgotável capacidade intelectual. Quando surgiu o "Memorial de Aires", nos últimos dias de Julho de 1908, já Machado adoecera havia dois meses. As 3,45 da madrugada de 29 de Setembro de 1908, na velha casa das Laranjeiras, faleceu Machado de Assis, o maior escritor brasileiro, fundador da Academia Brasileira de Letras e jornalista dos que mais honraram a nossa imprensa.

nota de tudo. Sua inteligência privilegiada surpreendeu os educadores daquela casa de ensino, quando, em certo dia, pediu para fazer exames. Suas notas excederam a expectativa e, graças a isso, conseguiu terminar o seu curso primário, passando, finalmente, de bedel a professor de matemática daquele educandário.

Em 1884, após abandonar a Faculdade de Medicina, onde alcançara o terceiro ano, ingressou na "Fanfara", de cuja redação saiu por não concordar com a orientação política. Sem trabalho, aceitou lugar de inspetor de um asilo de crianças abandonadas. Sua tempera da jornalista, porém, indicava-lhe outro caminho, e não tardou a ingressar na "Gazeta da Tarde". Os artigos que escreveu tornaram-no logo conhecido. Em 1887, foi convidado para colaborar em "Novidades", onde se celebrou pelo combate sem tréguas que desencadeou contra a abolição da escravidão.

tura. Não porque visse coisa louvável na escravidão. Seu ponto de vista seria a impropriedade no momento para a Lei Áurea. O interessante em tudo isso é que Alcindo Guanabara era mulato e de sua cor tinha orgulho.

Usando o pseudônimo de "Nector", na "Galeria Ilustrada de São Paulo", Alcindo Guanabara previu, depois da abolição, a queda da monarquia brasileira.

Mais tarde, no ano de 1890, ingressou no "Correio do Povo e, dois anos depois, no "Jornal do Comércio", onde foi redator durante muito tempo. Na redação desse jornal foi que ocorreu a famosa história do "contra ou a favor de Jesus Cristo", que tem sido deturpada. Rufino de Loy, membro do Ministério Público Brasileiro, que assistiu os últimos momentos do grande jornalista, assim nos fala:

Certa ocasião — disse — perguntei a Alcindo o que havia, finalmente, sobre a versão do "contra ou a favor". A resposta foi precisa:

— Não, isso não é verdade. Mas, em tom de blague, arreintou:

— Sobre Cristo há matéria tanto para se escrever contra como a favor...

Eleito deputado pelo seu Estado natal, foi o primeiro a assinar o manifesto contra o golpe de Estado de Deodoro. Em 1893, foi nomeado Diretor de Imigração na Europa. Dois anos mais tarde, regressou ao Brasil e passou a dirigir a "República".

Durante o governo de Prudente de Moraes, Alcindo Guanabara foi tenazmente perseguido, terminando por ser exilado em Fernando de Noronha. Voltando do degrado mais popular do que nunca, fundou "A Tribuna", em 1898, em cujas colunas preparou a candidatura Campos Sales à Presidência da República.

Acusava incessantemente o governo de falhas e ineficiências administrativas. Era temido por todas as altas autoridades do país. Dizia o grande jornalista que a "pior coisa do mundo era o homem tornar-se famoso e ser conhecido por inteligente". Defendia seu ponto de vista alegando que, quando precisava assistir-se com um Ministro de Estado, ou qualquer alto mandatário do governo, este ficava sempre prevenido, com receio de ser confundido... Na "Tribuna", o mestre dos jornalistas brasileiros permaneceu até 1904, saindo desse jornal para fundar a "A Nação". Em 1900, assumiu a direção de "O País", onde continuou a encarnar com firmeza todas as questões políticas do momento. Deixou o "O País" e fundou a "Imprensa", em cujas colunas defendeu a candidatura de Hermes da Fonseca à suprema magistratura da Nação. Na redação desse órgão da nossa imprensa liberal, ocorreu episódio interessante.

### CLUBE DE POESIA

Observa-se em São Paulo um interessantíssimo movimento de renovação da poesia. Nesse sentido, podemos apresentar um curioso poimento: a fundação na capital paulista de uma sociedade que tomou o nome de "Clube da Poesia". Congrega em seu seio os representantes mais jovens das correntes mais extremadas da Poesia Moderna. E as rapazes escolheram para seu presidente, Cassiano Ricardo, o grande poeta de Martin Cereté e de Um dia depois do outro.

"a Conciliação dos Partidos" publicada no "Correio Mercantil", por Sales Torres Homem, que por "mera coincidência", por esta época era ainda um liberal.

Pela facilidade e clareza com que escrevia, superava o seu rival político, o futuro barão de Inhomerim, cujos artigos eram longos demais, e — para que não disser — incompreensíveis, obrigando o leitor a duas ou mais leituras.

Apesar da árdua tarefa de chefe de um partido político, passa a colaborar no "Jornal do Comércio", prestando inestimáveis serviços a esse órgão de imprensa.

Em 1860, por motivos financeiros desaparece o "Correio do Brasil", voltando a suas atividades com o nome de "O Velho Brasil". Durou apenas um ano, (1853-1854) pois com a política de "Conciliação" do Marquês de Paraná, estava praticamente extinto o partido pelo qual tanto se batia Justiniano Rocha. Não desanima o grande jornalista, e, em 1854, publica o "Constitucional", folha de combate ao seu adversário político. Como o "Velho Brasil", durou apenas um ano: em 1855 desaparecia para sempre.

Em Fevereiro de 1860 sala o "Regenerador", encimado com as palavras: "Fé em Deus, fé nas instituições, fé no futuro do Brasil". Suas páginas assinavam ideias políticas bem diferentes das de outrora; e vemos então Justiniano José da Rocha defendendo com ardor as ideias católicas.

A 28 de Setembro de 1860, saiu o último número desta gazeta. Muito pobre, indigido e

chato de compromissos, desiste de fundar mais jornais. Prossegue nas suas atividades, trabalhando no "Jornal do Comércio" até o ano de 1862, quando foi vítima de um ataque cardíaco. Veio a falecer no dia 10 de Julho deste mesmo ano, deixando a família em extrema pobreza.

Além da fundação dos diversos órgãos de imprensa e romances publicados no "Jornal do Comércio", deixou-nos vários livros, inclusive belas traduções de escritores estrangeiros.

Das algumas de suas obras: "Considerações sobre a justiça criminal no Brasil e especialmente sobre o juri, onde se mostram os defeitos radicais dessa tão gaba da instituição"; 1855.

"Compêndio de Geografia Elemental", oferecido ao governo de B.M.I. e por ele aceito para uso dos alunos do imperial Colégio Pedro II; 1838.

"Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes, novela histórica"; 1839.

"A Rosa Amarela, novela de Charles Bernard, traduzida"; 1839.

"As Armas e as Letras, novela de Alexandre de Laverge, traduzida"; 1840.

"A Pele do Lobo, novela de Charles Bernard, traduzida"; 1842.

"O Conde de Monte Cristo, por Alexandre Dumas, tradução"; 1845.

"Piquillo Allaga ou os mouros no reinado de Filipe III, por Eugênio Scribe, tradução"; 1847.

Segundo Pinheiro Chagas todas estas traduções saíram no "Jornal do Comércio", com exceção daquela última.

# GALERIA JORNALISTICA CIPRIANO JOSÉ BARATA DE ALMEIDA

Maria de Lourdes R. Baldaque Guimarães

Se *Epiteto da Costa* foi o patrono do jornalismo brasileiro, não podemos negar a Cipriano Barata a homenagem de fazê-lo também patrono dos que, na imprensa, descolheram as armas da demagogia, da intriga, da linguagem violenta, nas lides em que se envolvia para defesa dos seus objetivos.

Reclutado, a partir de Janeiro de 1823, data em que fixamos o início de sua carreira jornalística, até 1835, Cipriano Barata não deixou de ser o demagogo terrível, o pregador inextinguível de revoltas, o intrigante sem par dos brasileiros e portugueses.

Desde 1791 encontramos-o comprometido em conspirações incoerentes, até que os acontecimentos de 1821, no Brasil, dos quais resultou a deposição do Governador e a do Comandante das Armas, deram tal relevo à sua ação, que, logo depois, a 12 de Julho, era ele acusado de tramar em prol da independência absoluta do Brasil.

Eleito deputado pela Bahia às Cortes Constituintes de Lisboa, a 3 de Setembro de 1821, já em Dezembro seguinte agitava a Assembleia com vigorosos discursos em defesa dos interesses do Brasil, da sua soberania, da destruição superior, etc.

Negando-se a assinar e jurar a primeira Constituição portuguesa, que as Cortes acabavam de elaborar, foi também um dos signatários da declaração de 10 de Setembro de 1822. A 7 de Outubro seguinte, na luta-lança contra a proclamação da nossa independência, embarcou para a Inglaterra, onde o *Correio Brasileiro*, de Hipólito da Costa, estampou as razões que redigiu justificando sua atitude.

Sua injeção no jornalismo militante data de princípios de 1831, na *Gazeta Pernambucana*, onde pouco depois, em Abril do mesmo ano, lançou a sua *Sentinelha da Liberdade* na *Guarita de Pernambuco*, periódico ao qual extravasava seu ódio aos portugueses e fazia a mais violenta oposição ao Governo, "incitando as massas infelizes da sociedade para a desordem e a anarquia", conforme consta do artigo do principal Ministro de Pedro I, ao recomendar-lhe que deixasse aquela Província.

Filho de franco-maçonaria e sinceramente convencido dos benefícios que sua política liberal proporcionaria ao país, atirou-se violentamente contra José Bonifácio e seu Apostolado, que acusava de restabelecer a monarquia absoluta. A virulência dos seus ataques aos detentores do poder em Pernambuco, tornou precária a sua posição naquela Província. A própria Assembleia Constituinte solicitava-lhe a presença no Rio



Maria de Lourdes R. Baldaque Guimarães

de Janeiro, não sendo atendida. A 10 de Novembro pede ele às autoridades pernambucanas passaporte para a Bahia. Negam-lhe, aconselhando-o a assumir seu lugar de deputado à Constituinte. A esse apelo Barata responde também com negativa. Prêso a 17 de Novembro, no dia seguinte foi recolhido à Fortaleza de Brum, de onde saiu para embarcar com destino ao Rio.

Emboas prêso, publicou a 19 de Novembro a sua *Sentinelha da Liberdade* na *Guarita de Pernambuco*, atacada e presa na *Fortaleza de Brum* por ordem da *força armada reunida*, como protesto enérgico contra a violência que o vitimara. Chegando ao Rio a 4 de Dezembro do mesmo ano, foi recolhido à *Fortaleza de Santa Cruz*, pois a Constituinte já fora dissolvida. Transferido em 17 de Junho de 1834 para a *Fortaleza de Lage*, redigiu, em Abril de 1835, os *Motivos de minha perseguição e desgraça em Pernambuco e Rio de Ja-*

neiro, ou breve e curiosa memória e relação dos acontecimentos interessantes ao bem do Brasil, para no caso de que eu faleça servir in perpetuum rei memoriam e, enquanto vivo, para minha defesa.

Condenado à prisão perpétua recorreu, sendo afinal posto em liberdade, depois de quase 7 anos, em Setembro de 1836. Alquebrado já pela idade, voltou à Bahia, onde desembarcou a 17 de Novembro do mesmo ano.

A 12 de Janeiro de 1831, lançou a *Sentinelha da Liberdade* — hoje na *Guarita do Quartel General de Pirajá*, na *Bahia de Todos os Santos*. O ambiente na Bahia, porém, não foi propício ao demagogo incorrigível. Tendo tomado parte nas desordens ocorridas na cidade, foi prêso e recolhido ao Forte de São Pedro, de onde, a 29 de Maio, lançou a *Sentinelha da Liberdade* na *Guarita do Forte de São Pedro*, na *Bahia de Todos os Santos*. Em Junho de 1831 foi transferido para a Ilha das Cobras, a que não o impediu de publicar, em 22 de Setembro, a *Sentinelha da Liberdade* na *Guarita do Quartel General de Pirajá* — hoje presa na *Guarita da Ilha das Cobras*, em o Rio de Janeiro, nem tampouco de participar do levante militar ali ocorrido a 7 de Outubro de 1831, depois do qual foi levado para o Forte de Villegaignon e mais tarde para bordo da *Frégata Niterói*.

A mudança do local da prisão não era óbice, porém, para a *Sentinelha* deixasse de circular. Modificava-lhe apenas o final do título... em Villegaignon... ou em "Niterói"...

Em 1832 novamente é Cipriano Barata transferido de prisão. Volta à Bahia e em 1833 é posto em liberdade. A política dominante não lhe deu trégua e o velho pasqueneiro procurou refúgio em Pernambuco, onde ingressara no jornalismo e que seria também o campo onde pela última vez usaria da pena, na *Sentinelha da Liberdade* em sua primeira *Guarita*, a de Pernambuco, onde hoje brada *Alerta!*

Velho, alquebrado, doente e pobre, deixou Pernambuco e foi viver em Natal dos paços proventos de professor de primeiras letras e línguas, até 11 de Junho de 1838, data em que faleceu.

Era bacharel em Filosofia e diplomado em Cirurgia pela Universidade de Coimbra, mas, sem diploma ou grau universitários, o título que lhe cabe por merecimento é o de maior entre os maiores panfletários do 1.º Reinado e da Regência trina.

BIBLIOGRAFIA: Hélio Viana — *Contribuição à História da Imprensa Brasileira*.

le, que não deve ficar no esquecimento. Procurarei reproduzi-lo como me foi contado: Alcindo escrevia artigos sobre economia e finanças sob o pseudônimo de "Pangloss" — nome de um personagem de Voltaire. Mui dos seus artigos utilizou a palavra "alcavalas" (nome dado a uma lei de extorsão fiscal, em Portugal). Ao chegar às mãos do biógrafo original, este ficou indeciso, mas compôs. Quando foi a vez do revisor, foi ele à redação e perguntou: "Dr. Alcindo, que palavra é esta?" A resposta foi precisa: "as alcavalas". O papel foi ter às mãos do conferente. O mesmo fato ocorreu. O chefe da revisão, o velho Lapa, amigo de Alcindo, e que se contentava o dicionário de Cândido de Figueiredo, ao deparar com a palavra correu também à redação a interrogar o revisor. Este, encolerizado, disse:

— São Lapa, isto é alcavalas, aqui e de ralo que o parati...

Toda essa confusão foi motivada pela péssima caligrafia que tinha Alcindo.

Alcindo Guanabara foi político de grande envergadura, várias vezes eleito deputado. Em 1912, o Distrito Federal elevou-o a Senador da República.

Familiaizou-se com as mais variadas e complexas questões públicas, econômicas e sociais do país. Foi "Diário do Comércio" defensor do governo do Marochão, Flávio Peixoto.

O mestre do jornalismo brasileiro dormia ao lado de Rui Barbosa como exposto Maximiano da Costa imprensa.

Não se ocupou apenas por assuntos políticos. Cultivava as letras e as artes e foi uma das inteligências mais fulgurantes de seu tempo. Ao lado de Lúcio de Almeida e muitos outros, ajudou para a fundação da Academia Brasileira de Letras. Foi "Petit Triunfo" escolhido para patrono de sua cadela e nome de Joaquim

Caetano; ali foi sucedido por D. Silvério.

Alcindo Guanabara não era propriamente militarista. Gostava do Exército e por ele nutria grande admiração. Talvez por essa razão, ao lado de Olavo Bilac, acertou os pontos para a realização da campanha para o serviço militar obrigatório. A princípio, houve certa repugnância por parte do povo. A pena magistral e respeitável de Alcindo convenceu os brasileiros da necessidade desse ato, e a ele cabe a autoria do primeiro projeto apresentado à Câmara para a execução da lei do serviço militar obrigatório.

A bibliografia de Alcindo Guanabara é das mais belas. Sua bagagem literária é motivo de orgulho para nossa Pátria. Quer na imprensa, quer na literatura, o grande jornalista revelou-se magistral.

A origem de Alcindo é conhecida de todos. Por isso, não é necessário aprofundarmos no estudo de sua biografia. Limitar-nos-emos a relatar traços de sua vida, na intimidade. Menos de sua morte, por ser ainda cedo para ser contada. Dizemos apenas não ter ele falecido conforme deixam falsos conhecedores desse fato.

— "O princípio dos jornalistas brasileiros era bondoso, possuía alma piedosa. Embora tivesse vida agitada, como a de todos os homens de imprensa, era dedicado aos seus e aos amigos." — diz Gastão de Carvalho.

Vezes havia, quando qualquer estranho chegava à sua presença e lhe podia auxílio, de Alcindo desmascarar o último, não deixando de abrir a mão dadivosa para aqueles que lhe solicitasse ajuda.

Poucos homens públicos do Brasil escreveram tantas cartas de recomendação quanto Alcindo Guanabara.

## UM JORNALISTA FORA DA BANCA

Cristóvão Monteiro Freire

Esse primoroso articulista que, durante largo tempo, alvorou, com a sua combatividade, com o seu desmedido ardor, a vida do segundo império; esse Timandro que causticou a Corbá, com o seu famoso "Libelo do Povo", não projetou sua extraordinária personalidade tão somente através seus escritos admiráveis. Fez também fora de sua banca de jornalista, destacando-se, quer na medicina, quer na política, na administração, na oratória e no Parlamento. Francisco de Sales Torres Homem foi, para o seu tempo, uma figura invejável. Fisicamente, era um dos homens mais belos e mais elegantes de sua época; um "gourmet", cujo bom gosto fazia escola de apreciadores da boa cozinha de sua geração.



Cristóvão Monteiro Freire

Completava a vocação do "causeur" brilhante, do ironista fino, com o arador ciceroniano, como o considerava Joaquim Nabuco. Embaranhava-se, com a bravura de um gigante, no complexo cipóal da eco-

no prazer de mostrar sua erudição. Rufino de Loy, beneficiado, também, com a prodigalidade do jornalista, levou o visitante à sua presença. Conversaram ligeiramente e marcaram um encontro para um jantar. Durante a refeição Antônio Torres declarou ser um apóstata. Havia sido frade, deixara a batina e abjurara a religião. Alcindo passou a sentir-se mal em frente ao visitante. Não tolerava os homens perjuros. Antônio Torres não compreendeu a atitude silenciosa tomada pelo jornalista, que, quando ficava mal humorado não falava.

Esse jantar teve lugar na residência de uma senhora da nossa alta sociedade pouco antes do falecimento do ilustre brasileiro.

Entre fato que merece ser contado e que servirá de fonte de esclarecimento aos historiadores, é que Alcindo não foi o

homem inveterado que dizem. Não é verdade. Sua tocinha consistia apenas na mania que tinha pelo jornal, onde muitas vezes ficava até o ralar do dia. Alcindo, facilmente, tomava um cálice de licor. Sua bebida era apenas café, muito café, e forte como tintura.

As insinuações maldicentes sobre sua morte, ocorrida em 20 de agosto de 1918, não coincidem com o que desejam alguns "conhecedores" de sua vida. Morreu no apogeu da glória, após um almoço íntimo, vítima de um insulto cardíaco, o segundo que se registrava, após sua enfermidade em Teresopolis. O óbito verificou-se depois da refeição, e quando se dirigia à pia a fim de lavar as mãos.

E, assim, se apagou a chama cintilante de uma vida que iluminou várias gerações através de exemplos dignificantes e belos.

nomia e das finanças e fez da tribuna parlamentar, quer na Câmara de Deputados, quer no Senado, uma continuação de sua banca de jornalista, defendendo, com o mesmo destemor, a mesma bravura e a mesma dignidade, os seus pontos de vista, as suas idéias. O panfletista da A Oposição e a Corbá, que respondia com virilidade à Fação Allica de Firmino Rodrigues da Silva, em quase nada diferia do ministro das Finanças do gabinete Abaeté, em 1858 e do senador pelo Rio Grande do Norte, em 1870. A vida de Sales Torres Homem era uma exata sequência de fatos; uma continuidade perfeita, um entrosamento natural, que definem um homem e qualificam sua obra. Se com elegância e vigor fustigava a Corbá, apontando seus erros, com a mesma elegância estendia sua mão ao imperador, aceitando sua indicação para o Senado, embora isso viesse determinar, como o acreditam Martin Francisco, Ferreira Viana Filho e Rui Barbosa, a queda do Ministério de Zucrinis. Para o gabinete de Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté), Sales Torres Homem levava a pesada incumbência de pôr em execução os pontos de vista que Timandro defendia na imprensa e parece que se saiu bem, pois anos mais tarde, em 1870, novamente ocupava o Ministério da Fazenda, no gabinete do Visconde de São Vicente. Nesse Interim, isto é, entre 1858 (Gabinete Abaeté) e 1870 (Gabinete do Visconde de São Vicente), exerceu a presidência do Banco do Brasil, (1867-1869), que representava, para a que a



# GALERIA JORNALISTICA

## A OBRA DE FERREIRA DE ARAUJO

Sergio Vellozo

A obra de Ferreira de Araújo divide-se em três partes perfeitamente distintas: a científica, a teatral, e a jornalística. Expô-las-emos no seu valor ascendente.

— Assim, cabe o primeiro lugar à obra científica, que, no ponto de vista literário, é a de menor significação. Restringe-se a dois trabalhos, que são as duas primeiras produções de Ferreira de Araújo:

— o primeiro, publicado em 1867, é a sua tese de formatura apresentada à Faculdade de Medicina. Trata de vários assuntos referentes à maternidade e das febres malignas mais frequentes no Rio de Janeiro;

— o segundo é uma tradução, publicada em 1877, do livro de Luiz Figuer, *Depois da Morte, ou a vida futura segundo a ciência*. Nestes dois trabalhos se resume a obra científica do jovem médico.

A segunda parte de sua obra é a teatral. Nesse terreno, apresenta-se também como autor e tradutor. Iniciou-se logo como autor, com a comédia *O Primo Diabólico*, que se relaciona com o romance de Eça. A esta, seguiu-se, mais tarde, *Fagundes*, que já demonstra uma segurança maior na criação dramática, um voo mais ousado, pois, de uma pequena brejeira, construída em um ato apenas, passa para uma comédia de costumes em três atos, ampla e vigorosa.

Como tradutor, Araújo deu-nos *Jonathan*, comédia em três atos, de autores sem importância; *A Filha Única* e *Um Chapéu de Palha de Itália*, ambas de Theobaldo Cicotti; a tradução da língua francesa de *A Baronesa*, peça de autor desconhecido, e uma adaptação de *Os Médicos* para o nosso teatro. A maioria destas peças foi levada em primeira no extinto teatro São Luiz.

— A parte de maior valor na obra de Ferreira de Araújo, aquela que realmente representa a sua posição em nossa literatura é a obra jornalística. O jornalismo, em Araújo, significa a vitória de uma vocação potente sobre uma orientação em sentido contrário, imposta pelas circunstâncias. Sua carreira inicial foi a Medicina. Vemos, porém, desde o período universitário, a imprensa a atrair e a seduzir o jovem estudante. Cedo, começa a nova inclinação a preponderar. Araújo começa a colaborar em pequenos jornais, como *O Guarany* e *O Mosquito*. Passam os anos, e em 1875 desatroscha, finalmente, a verdadeira vocação. Surge a *Gazeta de Notícias*.

Homem de inteligência, desta inteligência dinâmica que observa as coisas de relance, penetrando imediatamente em suas qualidades ou defeitos, Araújo, notou o quanto atrasados estavam os nossos jornais com referência a um contacto mais efetivo com o povo. E sua orientação primordial ao fundar a *Gazeta*



Sergio Vellozo

de Notícias foi no sentido de promover essa maior união entre o jornal e os seus leitores, criando, para um público cada vez mais numeroso um verdadeiro clima de interesse na opinião. Pela primeira vez fez-se um jornal para o povo e não para os partidos políticos. E o jornal criando e avisando a opinião pública. Como obter isso? Alargando o círculo de projeção do jornal dentro da massa, seja "colocando-o ao alcance de todas as bolsas", como frizou Felix Pacheco, seja criando novas e novas formas de atrair o interesse do povo.

E' nesse sentido que a ação de Ferreira de Araújo é revolucionária em nosso jornalismo. Renovadora, diria com mais acerto, pois a *Gazeta de Notícias* foi um sangue novo, mais vivo e mais forte, que veio robustecer, em boa hora, o nosso jornalismo estático do século dezoito.

Vejamos agora, "in loco", a superioridade da *Gazeta de Notícias* sobre os outros jornais da sua época. Os principais, então, eram: o *Jornal do Comércio*, a *Nação*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Globo*, etc., todos semelhantes em sua orientação antiquada, as páginas cheias de longos artigos e discursos, a pouca atenção ao noticiário e ao comentário e outras deficiências. Examinemos dois dos jornais acima aludidos nos seus exemplares do dia 3 de agosto de 1875, data da publicação do primeiro número da *Gazeta de Notícias*:

A *Nação*: — Toda a primeira página ocupada por

um discurso do senador Nabuco de Araújo e por um longo artigo sobre emigração. Nas páginas interiores, outros artigos extensos sobre assuntos vários. A terceira página toda ocupada por um estudo sobre leis de recrutamento. Só a última página é que se encontra um esboço noticiosário que é, todavia, dentre os de todos os jornais, o mais minucioso.

*Jornal do Comércio*: — A primeira página do *Jornal do Comércio* é um pouco diferente. Toda a sua extensão colossal (pois mede quase 1 metro quadrado de superfície) é ocupada por um bom número de assuntos diferentes. Mas nenhum deles tem interesse imediato. São correspondências intermináveis, compostas em coluna inteira, consultas jurídicas, artigos enfadonhos sobre prováveis melhoramentos na cidade e, no rodapé sinistro, um trecho de peça. O *varado da dançarina*, que termina com declarações patéticas de amor furibundo: "Não vê que me despeças o coração, desgraçado?!", seguidas de beijos baboros nos pés da heroína, enquanto o pano desce lentamente.

Vejamos agora o primeiro número da *Gazeta de Notícias*: — nota-se, logo à primeira vista, a riqueza informativa. Na primeira coluna, os telegramas urgentes, ressaltados em negrita; na segunda, o movimento cambial e notícias variadas, que se espalham pelo resto da página, versando toda a espécie de assuntos: um monumento a ser erguido em Filadélfia, a criação de um banco em Nova Zelândia, a descoberta de dois novos planetas, etc., etc., enfim, colunas repletas de notícias dos quatro cantos do mundo, sobre acontecimentos os mais variados e todos de real e vivo interesse para o leitor. A segunda página é toda reservada à informação dos acontecimentos nacionais e da cidade, sem deixar de trazer uma ou outra notícia do exterior.

Vê-se, daí, a enorme vitalidade que o jornal possuía desde o seu primeiro número, vitalidade essa que foi aumentando gradativamente com a inserção de novas seções. Seu tamanho, mais reduzido do que o dos outros jornais, facilitava a leitura. O rodapé da primeira página, o chamado "folhetim", apresentava artigos de autores variados. Inaugurando o jornal, o de Luiz Senor, pseudônimo de Ferreira de Araújo, em que ele declara a desnecessidade de um programa de trabalho, pois o programa de seu grupo de jovens é o próprio espírito do grupo, a maneira de ser, a modicidade de cada um.

Luiz Senor escreveu no nº 1 e no nº 6 — os dias intermediários foram preenchidos por quatro autores diferentes, nomes desconhecidos até então, todos procurando manter o valor literário da seção e, principalmente, seu nível de elevado interesse. A *Gazeta de*

## JOAQUIM SERRA

Vera Margarida Faria



Vera Margarida Faria

Nascido no Maranhão em 1838, Joaquim Serra é um dos mais eminentes representantes de sua terra no jornalismo carioca.

Dotado de grande espontaneidade e fluência de estilo, escreveu, além de oportunas crônicas e críticas em jornais, expressivas peças de teatro e poesias de comovedora delicadeza.

Infelizmente são escassos os dados biográficos a seu respeito. Sabe-se que se dedicou à política e que, neste terreno, foi um ardoroso defensor da liberdade dos escravos. A modestia, porém, que possuía em demasia, travou-lhe, muitas vezes, o acesso ao luminoso caminho da glória e do renome popular.

Mais do que isso, entretanto, o maranhense havia conseguido: a amizade incondicional, o apoio sempre presente e a sinceríssima admiração de Machado de Assis. Assim se expressa nosso grande escritor a respeito do valeroso amigo:

— "O Torres Homem é insigne em tudo; mas, como marmalista, ninguém imagina o que seja. Só vendo!"

Sobre sua vida íntima, ao lado da vida austera do homem público, contam-se fatos interessantes. Sobre sua elegância, conta Humberto de Campos ("Brasil Anedótico" (pág. 19, fato recolhido das "Reminiscências" de Taunay), que certa vez Sales Torres Homem aconselhava aos amigos:

— "É preciso não deixar nos medidores e tolos sequer essa superioridade: trajarem bem. As exterioridades têm inquestionável importância.

A um tresloucado e criminoso é muitíssimo mais fácil dar logo cabo de qualquer maltrapilho, do que simplesmente desrespeitar um homem revestido das insignias de alta posição social. Conturba-o a certeza de que esse insulto será instantaneamente punido pelas leis e pelas autoridades".

A respeito de seus hábitos como apreciador da boa mesa, conta, ainda Humberto de Campos ("Brasil Anedótico", pág. 29, recolhida da mesma fonte), a anedota de que, certa vez, em um banquete, Torres Homem aconselhava a um seu visinho de mesa:

mes. Eram como moedas de ouro, sem effigie, ou o próprio e único valor do metal." "Serra era principalmente um artista" e, mais adiante: "...aquelle estilo tão d'ele, feito de simplicidade e sagacidade, corrente, franco, jovial, sem affectação nem reticências. Não era o humor de Swift que não sorri, sequer. Ao contrario, nosso querido morto (pois Machado escreve depois da morte do jornalista) ria largamente, ria como Voltaire, com a mesma graça transparente e fina, e sem o fel de uma frase nem a vingança cruel de outras que compõem a tironia do velho filósofo".

Joaquim Serra colaborou principalmente na "Gazeta de Notícias", na "Reforma", no "Paiz". Usava, via de regra, o pseudônimo de Ignotus.

Em 1888 desapareceu da imprensa brasileira um de seus mais valiosos membros, na pessoa de Joaquim Serra.

— "Não coma do pão seu não a côdea, meu amigo: — o miolo incha logo no estômago e ocupa lugar que pode ser mais bem preenchido!"

Fora da banca, pois, esse jornalista brilhante, esse dinamo extraordinário que encheu de alvorço a vida do segundo império brasileiro, fustigando a Corôa e, sobretudo, a família Bragança, era uma personalidade encantadora, polidrica, estampando, em cada face, uma individualidade diferente, sem, entretanto, diminuir no conjunto, a sua estatura.

época, um segundo Ministério das nossas finanças.

A sucessão de fatos na vida de Torres Homem fez com que seus inimigos por vezes se referissem, desairoso, a sua atitude com relação ao pseudônimo de Timandro. Mais tarde, já Senador e Visconde de Inhamirim, quando em 1871, defendia, da tribuna do Senado "os benefícios das situações conservadoras contrapostas à esterilidade dos governos liberais", Silveira da Mota, que o não perdoava nunca, vibrou-lhe incitativo aparte:

— "Santo Deus! E dizer que é Timandro que está falando!" E completando com a voz mais forte: — "Responde a si mesmo, tantos anos depois!"

Dizia-se que Sales Torres Homem arrependera-se, no fim de sua vida, de tudo quanto escrevera Timandro e que, por isso mesmo, adquiria, nas livrarias e nos "sebos", os exemplares porventura ainda existentes de *O Livro do Povo*, para destruí-los. A respeito conta-se a seguinte anedota. Costumava, Sales Torres Homem, frequentar os jantares do Barros, mesa famosa, em torno da qual assentavam-se figuras do segundo império. Um dos convivas, que por sinal não era muito comum aquelas festas, perguntou-lhe a quem ia roupa:

— "V. Excia. sr. Conselheiro, não tem arrependimento de haver escrito o Timandro?"

Houve um momento de estupefação, de perplexidade, de apreensão geral. O Barros, que era cidadão de expediente, respondeu, prontamente, à pergunta inoportuna:

— "O sr. Conselheiro do que se arrepende é de vir a lugares onde há pessoas que lhe fazem perguntas destas..."

A isso Torres Homem completou, com a flegma habitual:

— "Muito bem, sr. Barros... Nunca perca a ocasião de dar uma boa resposta".

Era assim, Francisco de Sales Torres Homem. Dir-se-ia um homem sem nervos, sob a capa daquela calma, daquela flegma, daquela simplicidade. Quem, entretanto, lesse os seus escritos, acompanhasse a sua vida, examinasse o seu conteúdo, veria aflorar, imediatamente, aquela vibração de nervos, aquela palpação de emoções, aquela combatividade soberba, que se transmutava no Timandro.

Em 1858, no Gabinete Abaeté, batia-se por um princípio que ainda hoje poderia servir de norma ao Brasil: — a limitação das emissões — que ele assim defendia da tribuna:

— "Na apreciação das causas da queda do câmbio e da perturbação dos valores, nós nos empenhamos em provar que o papel se depreciava pela demasia da emissão e pelo abuso do crédito. O gabinete actual convenceu-se de que tínhamos razão e adotou o novo sistema sem a menor hesitação".

Falava-se, em 1858, uma linguagem que poderia ser repetida, lamentavelmente, 90 anos depois.

Angelo Moniz da Silva Ferraz, senador e barão de Uruguiana, velho desafeto de Torres Homem, ad assumir, no ano seguinte, a presidência do Conselho, dizia por toda parte:

# GALERIA JORNALISTICA

Nôztes iniciou-se, pois, como um jornal acessível aos leitores e à época.

Tivemos a imagem de Ferreira de Araújo dentro de Jornalistas, sua ação e sua importância como repórter e precursor. Para completá-la recorremos às páginas de João Peçanha: "A História vê-lo a amanhar, com um fôto da liberdade de consciência, a liberdade de cultos e o casamento civil e a pé firme, de detenção em detenção, desde a redenção do cativo até na liberdade da República."

Passamos agora a estudar o jornalista em seu aspecto próprio, particular.

Quatro são as fontes para este estudo: as duas séries que Araújo manteve na *Gazeta de Notícias*, "Batalha de Estalo" e "Macacinhos no Sólido", e duas coleções de artigos seus, uma publicada na *Revista Brasileira* e outra reunida no livro *Coisas Políticas*.

— *Batalha de Estalo* — Duas hipóteses podem ser consideradas sobre a interessante série. Ou os seus autores, revendo-se, assinavam as crônicas com pseudônimos variados, usando cada um pseudônimos diversos, ou o enorme número de colaboradores naquela época. Na segunda hipótese, seria *Batalha de Estalo* uma das séries em que escrevem todos aqueles que possuem algo interessante ou pitoresco a comentar.

Basta estas hipóteses no elevado número de pseudônimos encontrados tão somente no ano de 1889: sobressaem pela maior constância: Bob (talvez Olavo Bilac, pois é este um dos seus pseudônimos), Gil (Filipe de Almeida), Zig Zag, Ly (Manuel da Rocha), Rincão (Henrique Chaves), Zélio (Machado de Assis), e Luís Santeiro que é Ferreira de Araújo.

Nesta série não ilustra, às crônicas de Luís Santeiro acrescentam-se as mais interessantes e bem escritas.

— *Macacinhos no Sólido* — Também do *Gazeta de Notícias*, esta série pertence exclusivamente a Ferreira de Araújo, que assinava José Telha. Apesar de não ser uma série de artigos, como indicam as bibliografias, é impressionante por mostrar a atividade de Araújo. Um homem que é proprietário e diretor, que se entrega ao trabalho diário e estafante de seu mister, mantendo ainda, com brilho incomum a representação do jornal nos círculos políticos, sociais e literários, interessando-se em chamar para junto de si os nomes de valor, criando o grupo de redatores mais ilustre que um jornal já possuía, lança quase diariamente, e em certas ocasiões diariamente o seu artigo, sem que deixamos de seguir, o nível de interesse dos assuntos que sabe interessar ao leitor. A felicidade da escolha personifica a vivacidade e espontaneidade do estilo, que compõem o verniz de interesse e graça dos artigos. Temos que concordar com aquela que disse: "Desta série de fundo com a familiaridade do burguês, de paletó branco e chibata de tapete, a discretar de depois do jantar" (Zeca, em *A Semana*, 13-8-1885). Esta sua paródia, apesar de sutilmente maliciosa, é, contudo,

feliz. O estilo de Araújo caracteriza-se pela simplicidade e despojo às imagens refinadas, literárias. E vamos encontrar essa mesma opinião em um espírito despojado de malícia, expressa de maneira mais generosa e mais brilhante: "... do seu estilo-chão, persuasivo, suavemente luminoso, esmaltado de espírito em laivos criados, um preciosos pepitas de ouro, se derramava a mais amável das qualidades humanas: a venerência..." (Rui Barbosa, em *A Imprensa*, 23-8-1900).

Agora, que já tivemos uma ideia do estilo de José Telha, vejamos um exemplo daquele tom jocoso e irônico que revestia os seus artigos:

"Parece que finalmente acabou em paz a questão que lá dando que fazer ao ministério da guerra. No dia do Ano Bom, uma porção de oficiais foram de bonde — o Sr. Ministro mora longe — cumprimentar S. Ex. e declarar-lhe que estimavam muito que o digno cavalheiro tivesse boas saídas e melhores entradas. E certo que alguns oficiais descontentes deixaram de associar-se aos seus colegas, e foram visitar S. Ex. no dia 2; os que restavam, os que tinham o Sr. Alfredo Chaves positivamente atravessado na garganta, esses só compareceram no dia 3." (*Macacinhos no Sólido*, 1886).

Resta agora estudarmos as duas coleções de artigos políticos. Destas, temos o livro *Coisas Políticas* e a seção *A Política*, mantida na *Revista Brasileira*.

Basta estabelecermos a diferença entre um jornal e uma revista refinada, como a *Revista Brasileira*, para percebermos a diferença entre aquelas duas coleções de artigos. Na primeira, encontramos o verdadeiro cronista político; na segunda, Araújo revela-se, além de jornalista, um analista profundo e um escritor de mérito.

— *Coisas Políticas* é uma coleção de quarenta artigos, saídos na *Gazeta de Notícias* de 19 de Março a 31 de Dezembro de 1832, e reunida em um volume de 258 páginas.

Foi por este importante livro que travamos conhecimento com o estilo de Araújo como cronista político. E a grande importância daqueles artigos está nisto: mostram o que é um verdadeiro cronista político. *Coisas Políticas* são um modelo para todo aquele que tiver inclinação para esta difícil e espinhosa função jornalística. O cronista possui, antes de tudo, aquela vivacidade imprescindível a todo o que se propõe comentar ou criticar, vivacidade que se expressa por uma ténue ironia na maneira de observar os fatos. Esta ironia delicada se transforma em extraordinária energia no momento em que, abandonando o ar prazenteiro de costume, o jornalista assume uma linguagem severa no julgamento dos atos e pessoas. Ao atacar, criticar uma coisa que lhe parece errada, essa energia mais se exalta e, dentro do ar sério, quase solene, nota-se o brilho de um entusiasmo reprimido, que o cronista não quer deixar transparecer.

Mas isto é raro, pois o tom irônico é o que o pre-

domina. A honra exige um número menor de palavras. O entusiasmo, maior derramamento. A ironia é, pois, mais frequente. Damos aqui dois rápidos exemplos: — comentando a nomeação do conde d'Eu para comandante dos nossos exércitos no Paraguai: "O Sr. conde d'Eu é marechal do exército brasileiro pelo ato da bravura que praticou vindo para o Brasil!"

Sobre a viagem de D. Pedro II ao Rio Grande do Sul: "Os círculos políticos estão muito preocupados com a viagem do Imperador. Se ele viajar em julho, temos conservadores em mala."

A *Política* — Ferreira de Araújo iniciou em Janeiro de 1886 a sua colaboração na *Revista Brasileira*. Já no número daquele mês saía o primeiro de uma série de artigos que formaria a seção chamada *A Política*. Este primeiro trabalho trata do litígio com a Inglaterra sobre a ilha de Trindade.

Durante o ano de 1890 publicou sistematicamente os seus excelentes artigos, de que sobressaem os seguintes:

— o de Abril, em que combate a intromissão do exército na causa pública, prevenindo a nação contra o militarismo que despotava;

— o de Outubro, primoroso como lógica e argumentação, sobre a questão do divórcio. Demonstra a contradição entre a legislação civil do casamento e a política ditada pela Igreja.

Finalmente, a 14 de março de 1897, saía o último trabalho, versando sobre a derrota de Moreira César na revolta de Canudos; trabalho que encerra, assim, aquela primorosa série de 20 artigos.

A reunião dos principais estudos de *A Política*, de livro *Coisas Políticas*, das melhores crônicas de *Batalha de Estalo* e *Macacinhos no Sólido*, poderia formar um magnífico volume, revelando para as gerações futuras a obra de um dos nossos maiores jornalistas, obra que ameaça se esvanecer no amarelamento das velhas coleções de jornais.

Além de Ferreira de Araújo o único dos nossos grandes publicistas de quem se deveria publicar a obra. Ao lado dele temos um Evaristo da Veiga, um João Francisco Lisboa, um Gonçalves Ledo, um Luiz Gama; além de muitos outros que poderiam ser reeditados, um Joaquim Nabuco, um João Ribeiro, um Laet, formando uma galeria enorme e fulgurante, que se inauguraria com o grande precursor e mestre Hipólito da Costa. Dele e de sua obra já disse Silvio Romero, referindo-se a este mesmo assunto: "ainda hoje seria possível, dentro a massa enorme da *'Correio Brasileiro'*, escolher vinte ou trinta desses artigos decisivos, publicá-los em livro e ter, assim a mão e o encargo do poema do grande homem."

Ficamos isso, não com um, mas com todos esses espíritos majestosos, que teremos criado, para o mundo, a epopéia do pensamento brasileiro.

## EM TORNO DE EVARISTO DA VEIGA

Jefferson Barata

Será porque Evaristo da Veiga, o desassombrado publicista da Regência, o titão da patrulha da imprensa brasileira? É verdade que Hipólito da Costa iniciou a publicação do seu *"Correio Brasileiro"* quando Evaristo era ainda uma criança e que o Brasil muito deve à obra levada a cabo pelo esclarecido mocim nas colunas de mensário editado em Londres. Cumpre, porém, ao esquecer que Hipólito fez o seu jornalismo a coberto de perseguições, apunhadas e represálias outras, sob a proteção das leis inglesas, chegando, para isso, ao extremo de naturalizar-se cidadão do país que o acolhera. Tudo muito cômodo, pois se tratava de um jornal redigido, composto e publicado em Londres, embora em português e sob a direção de um brasileiro.

Antes de surgir, em 1827, o *"Aurora Fluminense"*, que um ano depois passaria a ser inteiramente redigido por Evaristo da Veiga, publicou-se no Rio, é certo, verdadeiros chorros de folhas e panfletos entre os quais se achavam a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o *Diário do Rio de Janeiro* e a *Malaguetta*. Mas Frei Tibúrcio, Zefreio Vito Meireles e Luiz Augusto May eram todos três portugueses. O *Jornal de Cunha Barbosa* e *Joaquim Gonçalves Ledo*, esses sim, revelaram-se grandes jornalistas através do seu *Revêrbere Constitucional Fluminense*, mas o jornal apareceu apenas durante um ano, morrendo, por assim dizer, no nascedouro.

Filho de modesto profes-



Jefferson Barata

sor, Evaristo da Veiga teria em casa, desde cedo, o mestre dedicado que o iniciaria no convívio das letras. Aperfeiçoou, depois, os seus conhecimentos de línguas estrangeiras, bem como de retórica e poética, concluindo, ainda, graças a Frei Marcelino de Santa Matilde Buenos, o curso de filosofia racional e moral, no Colégio de São José.

Trabalhando, de início, ao lado do pai e do irmão mais velho, na loja de livros situada na Rua de S. Pedro, Evaristo resolveu, pouco depois, instalar-se por conta própria e fundar, na então Rua dos Pescadores, uma livraria que iria abrir de par em par, no talentoso jovem, as portas da política e do jornalismo.

As referências desairosas à sua origem humilde, longe de abater-lhe o moral, apenas reforçavam sua decisão de lutar pela concretização dos ideais cujo ger-

me lhe fora inculcado no espírito desde a mais tenra idade, através do exemplo paterno. Sabia muito bem o nosso incansável batalhador que a obscuridade do nascimento não pode oferecer obstáculo a quem se vê animado por irreprimível vontade de vencer e de ser útil à sua pátria.

Foi fundador da *Sociedade de Defensora da Liberdade e da Independência Nacional*, que tão saliente papel viria a desempenhar no cenário político da época.

Na *Aurora Fluminense* Evaristo passou a ser o intérprete dos anseios de independência do povo brasileiro. Batia-se corajosamente, sendo certa vez quando mais quente ia a peleja, agredido por um apunhagado que lhe desfechou um tiro no rosto, ingresso narrado pela própria vítima nas colunas de seu jornal.

"Fomos feridos pouco a pouco do olho esquerdo e três das pessoas que aí se achavam mais ainda do que nós, recebendo o sr. Padre Cândido Martins da Costa, oficial da Secretaria da Guerra, dois golpes de bala na cabeça, o sr. Engrácio José Dias, negociante do Rio Grande, quatorze bacos de chumbo no braço, e o sr. Francisco Máximo de Souza, caixeiro do estabelecimento, duas feridas no peito, outras em uma mão e sobre o olho. Felizmente nenhum perigo; porque os tiros não profundaram, em razão de ser a pistola carregada em demasia que a ralva cega os homens e até os impede de bem dirigir os golpes do seu furor."

Não foi difícil a Evaristo

concluir que a iniciativa do crime só podia ter partido de Martin Francisco, irmão de José Bonifácio.

De qualquer forma, o atentado só serviu para alargar o renome do nosso político-jornalista.

Manoel Bonfim faz restrições injustas a Evaristo, acusando-o de agir, em política, com a honradez, a sinceridade e as precauções de um vendedor arvorado em jornalista doutrinador. Negou-lhe originalidade, menosprezou-lhe o talento. Viu no grande lutador um temperamento fútil, um moderado que erigira o comediamento em ideal, placando sem entusiasmo e defendendo sem convicção.

Vejamos, entretanto, na *Aurora Fluminense* de 17 de outubro de 1832, a forma usada, violenta, candente, com que Evaristo faz o inventário da obra de Pedro I — "uma resumida resenha dos títulos que tem D. Pedro à nossa gratidão" — e logo se verificará que a propalada moderação do jornalista nada tinha de moderada.

Evaristo foi, sim, um homem equilibrado, refletido, mas que nem por isso deixava de expor com veemência a iniquidade de quem quer que a encontrasse, ainda mesmo na pessoa do Imperador.

As páginas do seu jornal constituem um espelho de sua incansável atividade em prol da pátria que tanto amou. Eleito, três vezes seguidas, representante da província de Minas Gerais na Câmara Geral, conseguiu, graças à honestidade de seus propósitos, impor-se à admiração dos próprios adversários.

Participou ativamente dos acontecimentos que culminaram na revolução de 7 de abril e na instituição da Regência. Como a nação se mostrasse surpresa com a abdicação do Imperador, de quem esperava apenas uma mudança de ministério, criou-se uma situação para a qual os espíritos não se haviam preparado. Temendo que a sucessão dos acontecimentos pudesse lançar o país na mais completa anarquia, viu-se Evaristo levado a manifestar, à primeira vista paradoxalmente, pela continuação da monarquia constitucional, em oposição aos seus aliados da véspera única maneira de evitar que o Brasil se desintegrasse.

A *Aurora Fluminense* governava discretamente a opinião pública do país, o que fazia de Evaristo um mágico, um taumaturgo, aos olhos de seus adversários. Como explicar, de outro modo, que um simples livreiro chegasse a exercer tamanha influência sobre o povo, guiando-o como a um rebanho de carneiros?

Fechando, em 1835, o seu jornal, encerrou Evaristo, doente e cansado, as suas atividades políticas.

A por de jornalista e político, foi ele um apaixonado da literatura, podendo mesmo considerar-se um dos primeiros cultores do romantismo no Brasil. Recordado à vida privada, compôs hinos patrióticos, uma Ode à Grécia, poesias várias, e traduziu, para o português, a *História do Brasil* de Armitage.

Teve o grande jornalista morte prematura, pois faleceu, em 1837, contando apenas trinta e oito anos de idade.



# GALERIA JORNALISTICA

## JOÃO RIBEIRO

Zulmira Amador Colpaert

Apresentamos a seguir sobre João Ribeiro.

E' como se tivesse entre as mãos um cérebro e um coração amalgamados, e desse desvendando os mistérios latentes, chegasse a isolar a essência do bem, e a chispa criadora do gênio.

Porque nele tudo era bondade e sabedoria.

Foi sábio, foi poeta e talvez santo!

Vem do nordeste, desse nordeste brasileiro onde inteligência e produto nacional são a mesma coisa.

Aqui chegando, embora muito jovem, já trazia na sensibilidade e nos ouvidos a ressonância da poesia de França, cujos poetas modernos o haviam empolgado sobremaneira. Vinham, também, os seus primeiros versos.

Mas o autor de "Tenebrosa Lux", "Dias de Sol", "Versos" e "Museon", deixa-se atrair pelo fascínio do magistério. Ensina e estuda.

Aprende o grego. Domina o idioma alemão. Dedica-se à filologia. E' a sua fonte de pesquisas, dando como resultante os magníficos "Estudos filológicos", reunidos em compêndio. Dêle foram publicados ainda um Dicionário gramatical, vários outros livros, como as "Curiosidades verbais", e gramáticas, propriamente ditas.

O talento de João Ribeiro, todavia, não se deteve aí: do acervo de conhecimentos adquiridos e condensados; das perseguições incessantes de gabinete, rebuscando datas e fatos, havia de surgir o historiador e as suas obras excelentes: — História Universal e História do Brasil.

Inteligência versátil, ao serviço de um espírito inquieto, não resistiu às observações científicas, aprofundando-as e divulgando-as largamente. Qual o veículo?... — A imprensa diária.

João Ribeiro fez do jornal a sua cátedra de ciência, contribuindo generosamente para a cultura de quantos liam com avidos os seus incomparáveis artigos. De tal matéria, saíram dois volumes encantadores: — "Colmeia" e "Notas de um Estudante".

Era um enamorado das artes.

A primeira vista, lembrava um filósofo. E quem nos diz que não o fosse?... Psicólogo, era-o sem dúvida. Sua austeridade aparente dissimulava-se, ao revelar-se o narrador inimitável, extenso no humorismo e sutil na ironia. Sabia manejar a malícia com habilidade e graça. Em "Cartas desolvidas" e no seu extraordinário livro "Floresta de Exemplos" são flagrantes as qualidades do escritor primoroso que foi João Ribeiro de Andrade Fernandes.

Romancista, criou tipos dignos de serem meditados, com os

romances "Recordações de D. Quitéria" e "A vida do Padre Antônio".

Foi o pioneiro do folclore no Brasil. Deixou-se embeberar nesse emaranhado de lendas, no labirinto de histórias encantadas, recolhidas em sua imaginação rica e transbordantes dos costumes e usos brasileiros. Esses conhecimentos, transmitiu-os em conferências.

Exerceu a crítica e soube fazê-lo com rara felicidade e tato. Não que fosse indulgente por princípio e raciocínio, conforme alguns o dizem; mas porque possuía esse dom natural de ajuizar com acerto e medida.

Exultava diante do bom e do belo.

Defrontando-se com um material mediocre, só fazia isto: não desanimar quem o produzira.

O que ninguém pode afirmar é que João Ribeiro, publicando um trabalho acompanhado de excelente comentário, sem a interferência nem o pedido do autor, o fizesse por magnanimidade. A sinceridade era um apanágio que lhe adornava o caráter.

Conheci uma menina da qual chegou-lhe às mãos um soneto. Quem não faz um soneto aos dezessete anos?

Dessa menina nunca mais tive notícias; ficou-me apenas o soneto. Elle:

No puro céu azul da minha mocidade,  
Qual outro sol radioso, imenso, onipotente,  
Outrora fulgurou sanguíneo, forte, ardente,  
O que hoje é uma fúria, o que hoje é uma saudade!

Busco que não morre; e se expande, e irradia  
Toda feita de dor, retratada no pranto...  
Saudade! cala ao mundo a angústia do teu canto!  
Coração! veste a dor com rios e harmonia!

Fermosa onda de amor que a minha alma abrasaste,  
Por que do frio acaso em que te despenhaste,  
Reativas, em mim, ainda os teus clarões?

Sanguinea hóstia de luz que me embalsama a vida,  
Se em vão canta e soluça o luar da despedida,  
Por que não comungaste os nossos corações?...

João Ribeiro entusiasmou-se. Chamou-a de poetisa, de público. Mas a menina, ao que parece, não soube aproveitar-se da oportunidade. Ou, quem sabe, ela não gostava desse nome no feminino?...

## A. CARNEIRO LEÃO RECEBEU A LEGIÃO DE HONRA

Na tarde de 24 de Novembro passado, abriram-se os salões da Embaixada Francesa no Rio de Janeiro para uma justa homenagem ao Sr. A. Carneiro Leão, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor nosso patricio da insígnia da Universidade do Brasil. Consistiu a cerimônia na entrega ao nosso patricio da insígnia da Legião de Honra, que acaba de lhe ser conferida pelo governo da França.

## CLASSICOS JACKSON

A editora W. M. Jackson Inc. presta agora novo e relevantíssimo serviço ao Brasil: empreende a monumental edição daqueles que chamamos Clássicos Jackson.

Os Clássicos Jackson constituem uma galeria de 20 volumes, abrangendo autores que valem como uma verdadeira e feliz síntese do poder de criação espiritual dos homens, desde o alvorecer da civilização ocidental até aos nossos dias.

## SELEÇÕES DE BERNARD SHAW

A Companhia Melhoramentos de São Paulo vai lançar, em breve, em traduções de bons autores brasileiros os mais belos trabalhos de Shaw.

Entre aqueles que já estão sendo traduzidos e que dentro de pouco tempo deverão aparecer nas livrarias, contam-se os seguintes:

"Pigmalião", "Saint Joan", "Candida", "Cesar e Cleopatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man's Destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Major Barbara".

Mais um sucesso, portanto, das Edições Melhoramentos, em seu grande esforço no sentido de enriquecer a cultura brasileira.

cujos capítulos será da responsabilidade de um grande crítico e de um grande historiador. E', pois, um empreendimento do maior alcance cultural e social.

Daqui nos permitiríamos fazer aos ilustres organizadores desse excelente plano uma pequena sugestão: por que não procuram incluir na série, a História da Literatura Inglesa, de Taine, obra clássica, modelo da melhor crítica e da melhor informação?

## A SAÍDA DE AUTORES & LIVROS

Ao iniciarmos a nova fase de Autores e Livros — em Junho deste ano — parecia-nos possível fazer passar a publicação a semanal. A experiência, porém, aconselhou-nos a que mantivéssemos o ritmo quinzenal, que é muito mais econômico e, para uma publicação da natureza da nossa, histórica e cultural, muito mais seguro.

Já agora, portanto, deliberamos conservar para Autores e Livros o ritmo de saída quinzenal. Alterar, de alguma forma, porém, o seu sistema de datas: ao invés de datar os números saltadamente, nos domingos, como o fazíamos até agora, vamos datá-los dos dias 1 e 15 de cada mês. Assim, cada volume, correspondendo a um ano, ficará formado de 24 números, dois saídos cada mês.

## As Obras Completas de Amadeu Amaral

O IPE — Instituto Progressivo Editorial S/A tomou uma iniciativa que só há de merecer o apoio e o aplauso de todos os que no Brasil amam a cultura: a publicação das Obras Completas de Amadeu Amaral.

A preciosa série, que foi organizada por esse raro espírito de homem de letras, de homem de ação, de homem de coração, que é Paulo Duarte, constará de dez volumes, cada um deles com as suas quatrocentas e poucas páginas. São os seguintes os volumes que formam as Obras Completas de Amadeu Amaral:

- I. Tradições Populares (que acaba de sair).
- II. Dialetos capixas.
- III. Poemas completos.
- IV. Política Humana.
- V. Letras floridas.
- VI. Bilco.
- VII. Arredores da crítica.
- VIII. Memorial de um passageiro de bondade.

## UMA HISTÓRIA DA LITERATURA UNIVERSAL

O Instituto Progressivo Editorial de São Paulo — O IPE — organizou, na sua Coleção Minerva, uma série preciosa entre as que mais o sejam: a série História Literária.

A tal série pertence a obra de Paulo Choatekowi, História da Literatura Russa, a de Attilio Momigliano, História da Literatura Italiana (ambas editadas este ano).

Estão programadas para sair brevemente mais duas obras do mesmo gênero: — A História da Literatura Norte-Americana; de T. H. Dickinson;

— A História da Literatura Latina, de Conetto Marchesi.

Essa plano, que naturalmente irá sendo cada dia mais ampliado) resultará na publicação de uma vasta história da literatura universal, cada um de

UMA COLEÇÃO DE AUTORES & LIVROS SORTEADA ENTRE OS ASSINANTES

Está de pé a promessa que, a partir do nº 1 dessa nova fase, fizemos aos nossos assinantes no próximo dia 29 de Dezembro, ao assinante cujo número de assinatura corresponder ao bilhete do grande prêmio da Loteria Federal, será oferecida uma coleção completa — oito volumes — da primeira fase de Autores e Livros (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção, como se sabe, é vendida hoje a preços que vão até nove e dez mil cruzeiros.

## UMA RECEPÇÃO ACADEMICA

No próximo dia 15, abrirá a Academia Brasileira de Letras os seus salões para a recepção do Sr. Aníbal Freire. O novo imortal vai substituir, sous la coupole, o saudoso Roberto Silveira.

O Sr. Aníbal Freire será saudado pelo Sr. João Neves da Pontoura.

## CHATEAUBRIAND NA ACADEMIA

A Academia Brasileira de Letras comemorou na quinta-feira, 25 de Novembro findo, o centenário do falecimento de François-René de Chateaubriand.

Falaram então o presidente Ademar Tavares, abrindo a sessão, e os Srs. Azeu Amoroso Lima e Celso Vieira, exaltando o gênio e a obra do grande escritor francês.

## Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPEK — Caixa Postal: 487

Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas de Estado pelos centros de consumo de país e do exterior

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS

RUA DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 112

Capital subscrito ..... Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado ..... Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva ..... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - s/301

Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado N.º 180 s/300

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:

Diretor-Presidente: José Pessoa de Queiroz; Diretor-Tesoureiro: Wilfrid Russel Short; Diretor-Secretário: Fileno de Miranda.

Diretores: Joaquim Bandeira e Mario Monteto.



UNIVERSAL

RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISÃO

A VENDA NAS BOAS CASAS

# A VIDA DOS LIVROS

Momigliano, Attilio — **História da Literatura Italiana.** Instituto Progresso Editorial. São Paulo, 1948, 508 págs.

Que maravilhoso panorama do gênio e da poesia humana, este, que desvenda aos nossos olhos a História da Literatura Italiana, de Attilio Momigliano! É o panorama daquilo que, na ordem espiritual e na ordem literária, simboliza propriamente a luz e o ritmo, a música impecável e divina. Esse — o da luz, o da musicalidade — foi em todos os tempos o apogeu da alma italiana. A alma coletiva de cada povo (audimos, é claro, aqueles povos que têm tido o seu papel específico no concerto da civilização) contribui para a harmonia geral do espírito humano com um toque que lhe é peculiar. Israel contribuiu com a idéia monoteísta na Religião; a Grécia com a idéia da Beleza, a da Razão, a da Moral; Roma com a exaltação da Justiça, com a paixão do Direito; os povos germânicos com a densidade da abstração filosófica e com a profundidade da poesia lírica.

Proseguindo nesse balneio a contribuição de cada povo, podemos dizer que ao italiano coube a parte da beleza e do ritmo verbal. E o exame dessa valiosa contribuição que em última análise achamos aqui, na obra de Attilio Momigliano.

Sua História da Literatura Italiana reflete naturalmente as fontes: inicia-se pelas alturas do século V, (ou mesmo antes), quando nas antigas terras do Império Romano existe alguma coisa que não é ainda o língua italiana, embora já não seja a velha língua latina. É essa uma fase difícil a qualquer estudo, vaga, quase sem documentação, obscuríssima. A literatura que nela floresce pertence antes à história do pensamento religioso do que à história do pensamento literário. É a época dos Tertulianos, dos Prudências, dos Agostinhos. A noite é ainda densa, mas já seria possível a um olhar arguto e sutil adivinhar que, de acordo com a bela imagem homérica, para além dos horizontes os dedos cor de rosa da Aurora começam a abrir nos céus os esplendores de uma nova luz. Não tardam a modificar-se os aspectos literários da formosa e sempre poética Itália: já no século XII vão surgindo os vários dialetos em que se irá repartir o país. Surge o genovês, em que uma parquiana disputa com o trovador provençal Raimundo de Vaqueiras; surge o napolitano, o toscano. E, porém, ao século XIII que vai ser dado o privilégio de assistir ao grande milagre da consolidação e da definitiva vitória de uma das coisas mais belas do mundo — o idioma italiano. E nele que entre tantos outros esplendidos poetas, encontra expressões para o seu pensa-

mento — que é o pensamento mais próximo de Deus que floriu no mundo desde Jesus — o maior dos poetas humanos, S. Francisco de Assis. E já no italiano que ele compõe o seu maravilhoso Canto de lódas às Criaturas:

Altissimu onnipotente bon signore, tu se le laude la gloria e l'onore e onne benedictione a te solu altissimu se konfanno e nullu home ene dignu te mentovare.

Laudatu si mi signore cum tuete le tue creature, specialmente messer lu frate sole, lu quale lu giorno alumeni per nui, e illu é bellu e radiante com grande splendore: de te altissimu porta significatiune.

Laudatu si mi signore per sora luna e le stelle, in celu l'ai formate clarite e pretiose e belle.

Laudatu si me signore per frater vento, e per aere e nubbilo e sereno e onne tempo per le quale a le tue creature dal sustentamentu.

Laudatu si mi signore per sor aqua, la quale é multo utile e humele e pretiosa e casta.

Laudatu si mi signore per frater focu, per lu quale n'allumeni la nocte e ella é bellu e iocundu e robustu e forte.

Laudatu si mi signore per sora nostra madre terra, la quale ne sustenta e governa e produce diversi fructi e colorati fiori e herba.

Laudatu si mi signore per quilli ke perdonano per lo tuo amore, e sostengo infirmitate e tribulatione: beati quilli ke le sofferano in pace, ka da te altissimu sirano incoronati.

Laudatu si mi signore per la sora nostra morte corporale, da la quale nullu homo vivente po skampare: gual a quilli ke morranno in peccato mortale; beati i quilli ke se trovará ne le tue sanctissime voluntati, ka la morte secunda non li poterá far male.

Laudate e benedicite lu mi signore e rengratiate e servite a lui cum grande humilitate. Amen. Mas é certo que aquele que personifica toda a glória do espírito italiano des-sa hora inicial é o Poeta Supremo, é Dante Alighieri. Nascendo em 1265 e falecendo em 1321, ele foi, se assim podemos dizer, um como portador da luz — foi o Prometeu que, emergindo das fechadas trevas de um século em que a Itália parecia ainda informe, veio revelar os deslumbramentos da alma de sua nacionalidade ao novo século, aos séculos futuros. Nos cinquenta e seis anos que peregrinou na terra, Dante teve os seus dias cheios de sofrimentos, de dores, das mais amargas decepções. Momigliano detém-se, como o desejariam todos os seus leitores, na obra e na figura do poeta soberano, e mostra-nos o fecundíssimo influxo que para a criação da "Divina Comédia" tiveram

as injustiças dos contemporâneos de Dante. "Sem o exílio (diz-nos o historiador) o colorido político da "Divina Comédia" teria sido bem diverso. O pessimismo sobre os destinos do mundo e particularmente de Florença, mesclado à esperança num libertador que depois se transforma numa esperança extra-terrena, ter-se-ia modificado um pouco, se Dante não houvesse sido tão longamente um exilado. Sem o exílio os males de Florença lhe pareceriam menos graves e menos tristes; se tivesse escrito o seu poema em Florença, de Florença teria falado muito menos. Teria recado fazer um poema municipal. Porque é destrutório, não é municipalismo a frequente menção a Florença, mas sim, insistência de quem perdeu algo precioso."

A parte da obra que o historiador dedica a Dante é por si mesma uma completa obra, na qual vemos analisado em todos os ângulos o gênio do poeta. De igual dimensão e de igual importância são tantos outros capítulos, dos quais infelizmente não podemos tratar aqui mais longamente, dada a extensão que já tomou este artigo. Não nos furtaremos, porém, a indicar como outros tantos estudos dignos da meditação do leitor apaixonado pela poesia e pela criação literária, as páginas dedicadas a Boccaccio, a Tasso, a Leopardi, a De Sanctis, e, no lado delas, os capítulos de síntese, abrangendo perspectivas amplas de épocas ou histórias literárias, como aquele dedicado ao Humanismo e ao século XV, ou aquele em que se analisa O Espiritualismo e o Misticismo.

A História da Literatura Italiana prolonga-se até além do Decadentismo, movimento que teve a sua expressão máxima na figura de Gabriel D'Annunzio. Chega até autores como João Camisso e Conrado Alvaro (nascidos ambos em 1895), Orio Vergari (nascido em 1899), Arturo Jorio (nascido em 1902) e Alberto Maravia (nascido em 1907). São todos novelistas, romancistas, ensaístas. E o traço que principalmente os caracteriza — diz-nos o autor desta História — é a inquietação.

Esse característico — a Inquietação — (é ainda Momigliano quem informa) encontra-se como um dos traços essenciais da crítica da Itália de hoje.

Poderíamos acrescentar que ele se encontra também na poesia do grande povo que deu à Humanidade um Dante e um Leopardi: é essa inquietação que está na poesia de Ungaretti, na de Pasternak, na de Flaminio Piccoli, na de Palazzeschi, na de tantos outros poetas da angústia e do desespero dos nossos dias, que infelizmente não figuram ainda na História da Literatura Italiana de Momigliano.

Neste tumultuosos e trágico mundo de 1948, ressoante ainda dos gemidos, molhado ainda das lágrimas, da guerra mais atroz que o mundo jamais viu, podemos bem compreender que seja de inquietação — e não somente de inquietação, porém também de dúvida incessante, de incessante dor — a corrente mais íntima da poesia e da ficção italiana.

De inquietação, igualmente, de dúvida e de dor, é a literatura do resto do mundo, na hora que passa, qualquer que seja a latitude.

Porque esse lote — o do sofrimento, o do desespero — parece ser o único privilégio real que os amargos destinos reservaram para a desgraçada família dos homens.

— Academia Brasileira de Letras — **Gonçalves Dias** — Conferências realizadas na Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1948 — 137 págs.

Em 1943, realizou a Academia Brasileira de Letras dois cursos de conferências: o primeiro alusivo a Camões, o segundo a Gonçalves Dias. Foram assim celebrados o maior poeta português e o maior poeta brasileiro. Quanto à tese de ser Camões o maior poeta português, parece ser pacífica; embora existam críticos ou leitores pouco reverentes diante da luminosa obra do poeta de Vasco da Gama, críticos e leitores esses que tendem a dar a supremacia na poesia portuguesa a um Antero, a um Junqueira, a um Nobre ou a um Fernando Pessoa.

No Brasil, porém, a tese do maior poeta tem sido longa e repetidamente debatida. Muitos dão essa glória a Castro Alves, outros a atribuem a Olavo Bilac, a Cruz e Souza, a Luiz Delino. Parece, porém, que é mesmo Gonçalves Dias quem receberá, num concurso destinado a afirmar tal eleição, o maior número dos sufrágios.

Este livro, pois, encerra a série de conferências que em 1943 ouviu a Academia, acerca de Gonçalves Dias. As palestras ali realizadas ficaram valendo como um curso completo acerca do grande poeta. Viriato Correia, que abriu a série das conferências, pintou com o seu estilo impulsivo e irrequieto, o grande panorama dos amores do poeta; Gustavo Barroso narrou a morte dele, a bordo do "Ville de Boulogne", naquela triste e maldada viagem de regresso à pátria. Nessas duas conferências ficou fixado o lado propriamente biográfico de Gonçalves Dias. Ao lado delas duas, porém, vêm quatro outras conferências, nas quais são debatidos e estudados aspectos mais espirituais de Gonçalves Dias: o seu ideal de indianista, fixado por Pedro Calmon e Roquete Pinto; as relações dele com o Romantismo, traçadas por Guilherme de Almeida; os segredos de sua caprichosa

arte poética, desvendados por Manoel Bandeira.

Temos, assim, um amplo e luminoso panorama, no qual se desortinam a vida, a figura e a obra do poeta maranhense.

Pudessem todos os grandes poetas nacionais, aqueles que de fato expressaram as aspirações, os sonhos, as angústias e as dores de nossa alma coletiva, merecer da Academia homenagens semelhantes a essa!

— Castro, Aloysio de — **Discursos.** Nova série. Editora Vecchi. Rio de Janeiro, 1948 — 189 págs.

A obra literária do sr. Aloysio de Castro divide-se em dois ramos principais: a dos volumes de poesia, e a dos volumes de orações. Figura de relevo e de projeção nas instituições de que faz parte — e entre estas, a Academia Brasileira de Letras e a Academia Nacional de Medicina — são numerosas as ocasiões que se lhe apresentam de falar em nome de seus colegas. E' com os trabalhos pronunciados em tais ocasiões que lhe veio surgindo esses livros, esses belos livros em que se revela aos nossos olhos um espírito firme, forrado de fundas virtudes construtivas, amigo da tradição, respeitador da grande obra das gerações passadas.

Cremos serem o persistente amor à tradição e o gosto de refulgir às belas fontes clássicas, os traços que no mundo literário brasileiro distinguem o sr. Aloysio de Castro, dando-lhe uma personalidade singular e tão simpática.

Filho de Francisco de Castro — grande médico, que sendo também eminente escritor soube ter em seu estilo as graças nobres, as loucas de um clássico — o sr. Aloysio de Castro formou o seu espírito nesse rumo de aspiração a uma beleza austera de forma, a uma beleza verdadeira de pensamento. A essas lições bebidas no lar, no grande exemplo paterno, vieram juntar-se, em sua adolescência e em sua mocidade, influências igualmente poderosas: ele foi amigo devotado e atento de Machado de Assis, de Ruy Barbosa, de Alberto Oliveira. Muitas de suas páginas mais evocativas e comovidas são aquelas em que ele recorda alguma dessas grandes figuras brasileiras: seu pai, que ficou sendo o

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão

### ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:	Anual	Semestral	Trimestral
Porte simples	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
Porte registrado	Cr\$ 120,00	Cr\$ 65,00	Cr\$ 35,00

### Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7.12.º and. — 37-9527

### RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leonidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5825.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

### Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-9981, ramal 30. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farías.

Para números atrasados: os dois últimos pontos acima (além da redação).

## "SÃO PAULO" COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

### DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares



# A VIDA DOS LIVROS

Idolo mais fulgurante de sua religião literária; Machado de Assis, que, certa vez, quando lhe punha acerca de determinada coisa a observação de que era feia, lhe retrucava: "E feia, mas é velha"; Alberto de Oliveira, em cujo louvor compôs um longo poema impregnado de tanta saudade.

Aqui, como em qualquer de suas páginas, revela-nos o sr. Aloysio de Castro, a cada página, o seu amor ao passado, o seu gosto do que é tradicional, do que é clássico, do que traz a lembrança dos tempos. Em várias passagens desses *Discursos* está citado D. Francisco Manoel de Melo; em outros está citado o Padre Manoel Bernardes; em outra Felinto Ellisio. A escolha dessas nomes como autores de leitura diária mostra um duplo aspecto nesses amor ao classicismo que encontramos no sr. Aloysio de Castro: em primeiro lugar, o seu gosto pelos antigos em um ponto de vista geral; em segundo lugar, o seu gosto pelo que é antigo, sendo português...

Prestando-se à primeira dessas observações, encontramos em seus *Discursos* numerosas referências a autores clássicos de outras línguas: a Plínio, a Voltaire, a Anatole France. Deste último, confidencia-nos o escritor brasileiro que é um autor que lhe apraz citar muito a miúdo: e o traço que mais parece seduzi-lo em Anatole France é exatamente o ter sido contemporâneo dos antigos.

Quanto ao amor que dedica aos clássicos portugueses, esse parece ser o característico mais saliente, o mais singularizador da figura literária de Aloysio de Castro. E' ele que explica esse fenómeno de certo raro no nosso mundo literário: que possamos ter como contemporâneos nosso um escritor que já reputamos, em sua vida, um clássico, uma autoridade da boa forma, da boa construção gramatical, que já nos sentíamos tentados a citar em pequenas frases, como estêdio de verbetes da língua. Que o sr. Aloysio de Castro consegue escrever em um estilo que se apresenta ao de um Bernardes ou ao de um D. Francisco Manoel de Melo, é evidência que ninguém poderá contestar. Veja-se a feição destas poucas frases, e digam se não poderiam elas estar na Nova Floresta ou nos *Apólogos Dialogais*: "Contentem-se então de indicar aos mais novos a entrada dos caminhos, que são muitos, amenos ou ásperos, e se querem caminhados de olhos abertos, cada um como é, com força de esperança. Que se pode prometer aos viários de corações, que nada esperam?"

Essa minúcia pólida, medida, graciosa sempre, que é a do sr. Aloysio de Castro, parece-nos muito apropriada à natureza dos discursos que o orador produz a essas orações em que tanta vez nos põe diante dos olhos figuras de poetas ou figuras de sábios; à exposição dessas idéias, às vezes polvilhadas de ironia ou de malícia com as grandes vaidades humanas. Aqui mesmo, nesta coleção atual de discursos, temos exemplos de uns e outros: dos primeiros, temos o perfil de Miguel Couto, temos o perfil do Dr. Lourenço Jorge, temos o perfil do dr. Arnaz Alfaro; do se-

kundo temos o discurso intitulado *Charlatanismo Médico*, pronunciado na Academia Nacional de Medicina, em junho de 1941. Nessa página, o orador regressa a antigas idéias que lhe são caras: a defesa da medicina como ciência honesta e pura, exercida por espíritos que estejam à altura da profissão que abraçaram; o caustico, o sarcasmo, para o médico que exerce o seu trabalho como um charlatão. Encerrando os discursos desta série, achamos a oração em que o sr. Aloysio de Castro, em nome da corporação, celebrou o transcurso do primeiro meio século da Academia Brasileira de Letras. Esta efeméride registrou-se em 1946, como se sabe. Teve o Brasil então ocasião de verificar que se havia realizado o milagre em que parecia não crer o prudente Nabuco: "Se a Academia florescer, os críticos deste fim de século terão razão em ver nisso um milagre..."

O sr. Aloysio de Castro fez uma espécie de exame de consciência da instituição, nestes cinquenta anos de existência. E em certa parte de sua oração mostra que a Academia ainda está muito jovem para pensar em realizar as grandes obras que são, em essência, a sua razão de ser: o *Dicionário da Língua*, a *Gramática*, o *Dicionário Bibliográfico*. Confessamos que nesse ponto não estamos em acordo com o escritor: nunca uma instituição seria jovem demais para um trabalho, fosse este qual fosse...

Contudo, é prudente voltar a ouvir aqui uma outra palavra oracular de Joaquim Nabuco, ainda falando acerca da Academia: — Não há que se apressar nas coisas eternas — diz o grande escritor, que foi o primeiro secretário geral da instituição, então em seu bérco infantil.

— Leite, Serafim S. J. — *O Curso de Filosofia e Tentativas para se criar a Universidade do Brasil no século XVI*. Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1948.

E' uma separata da revista *Verbena* (t. V, fasc. 2 — junho de 1948). E em suas páginas se contém, a bem dizer, dois ensaios históricos relacionados com a cultura brasileira, e ambos da maior importância. O primeiro diz respeito à criação de uma Universidade em terras brasileiras. Sabe-se que só muito recentemente veio o Brasil a gozar desse privilégio. Era já a Universidade uma realidade mais que secular em outras terras americanas, quando veio a acclimatar-se, na década de 1926, em terras brasileiras. Por que tão espantoso atraso em gente que se presou sempre de culta e inteligente, como a brasileira?

Serafim Leite dá-nos agora uma resposta interessantíssima a essa pergunta. Por ela vemos que já em 1682 a criação de uma Universidade era a aspiração dos moradores da Bahia. E' de 20 de Dezembro daquele ano a petição enviada pelos baianos ao rei de Portugal para a fundação de um tal estabelecimento. Essa petição foi indeferida, e indeferidas foram várias outras. Percebemos que os velhos centros universitários portugueses, Coimbra, Évora, não consentiam em renunciar a uma parcela de seus apreciáveis benefícios, em prol da capital da colônia brasileira, so digna aliás do desdém dos sábios.

Que o Brasil na época da colônia não houvesse logrado al-

cançar tão bela conquista de natureza cultural, parece-nos coisa bem explicável. O que não nos parece explicável é que, proclamada a Independência em 1822, só um século depois viessemos a possuir a primeira Universidade.

A margem desse grande tema, o ensaio de Serafim Leite mostra-nos curiosos assuntos mais miúdos, ligados à evolução da instrução pública em nosso país. Entre estes, por exemplo, o espantoso aumento dos moços pardos. Estes, no Brasil do século XVII estavam proibidos de entrar nas Ordens religiosas, "por motivos que se invocavam contra eles de serem atreitos a rixas e va-dagens." Ora, esse fato histórico, que Serafim Leite aqui estuda com tanta minúcia, parece contrariar tudo o que o insolente e rude Gregório de Matos nos conta, acerca da validade da situação privilegiada dos mulatos da Bahia. E parece contrariar também, aquilo que, mais tarde, exilado de Portugal, veio a encontrar no Brasil D. Francisco Manoel de Melo. O que esse grande escritor veio aqui encontrar foi uma pre-excelência tal atribuída às pessoas de cor, que chegou a imaginar um livro que tivesse este título: *O Brasil — Paraíso de Mulatos, Purgatório de Brancos, Inferno de Negros*. De resto, essa fórmula, descoberta pelo grande autor dos *Apólogos Dialogais*, é a mesma que encontramos registrada em

um expressivo provérbio, que ouvimos outrora, em Pernambuco, o qual diz assim: "Branca na sala, negra na cozinha, mulata na camarinha." *Mulato no paraíso... mulata na camarinha...* não é tudo indicio da situação de favor, de carinho, de vida cômoda e boa, que as gentes de cor tinham em nosso país?

Na parte relativa aos estudos de Filosofia no Brasil, mostra-nos Serafim Leite que o Padre Antônio Vieira compusera, entre os anos de 1829 e 1832, um tratado de Filosofia, o que seria, com certeza, a primeira obra do gênero escrita em nosso país. Onde, porém, ficou esse trabalho? Até hoje ninguém o sabe. Talvez se encontre ainda perdido em algum remoto e empoecido arquivo da Bahia, do Maranhão, de alguma das muitas cidades em que o grande jesuíta dispersou, para a glória da Igreja e do seu nome, o seu incomparável gênio de orador.

## LIVROS RECEBIDOS

França, S. J., Leonel — *Obras completas do Padre... II — Igreja, a Reforma e a Civilização*. 5.ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1948. 478 págs.

Shakespeare — *Macbeth* — Rei Lear. — Traduções de Artur de Sales e J. Costa Neves. Prefácio de Artur de Sales. Clássicos Jackson, volume X — W. M. Jackson

Inc. Rio de Janeiro, S. J. (1948). 306 págs.

Virgílio — *Georgicas* — *Enéida*. Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. Prefácio de Nelson Romero. Clássicos Jackson, Vol. 117. W. M. Jackson Inc. Rio de Janeiro, S. J. (1948). 388 págs.

Ivo, Lado. — *Ode ao Crepúsculo*. Pongetti. Rio de Janeiro, 1948. 107 págs.

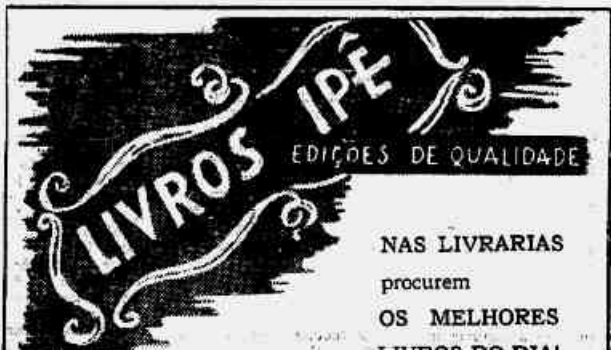
Castro, Mauro de Micalis e — *Saniata*. Prefaciado pelo escritor Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras. — Or. Graf. de "Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 1948. 80 págs.

Montello, José — *A Luz da Estrada Morta*. Romance. Capa de Santa Rosa. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1948. 214 págs.

Vital Pacifico Passos — *Zebueta*. Poema heróico-cômico. Rio de Janeiro, 1948. 30 págs.

Amadeu Amaral. — *Tradições Populares*. Com um estudo de Paulo Duarte. Instituto Progresso Editorial, S. Paulo, 1948. 418 págs. (E' o primeiro volume das *Obras Completas de Amadeu Amaral*.)

Coordenação para a Imigração Dirigida. *Documentos. Orientação Orgânica* — Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1948. 123 págs.



NAS LIVRARIAS  
procurem  
OS MELHORES  
LIVROS DO DIA!

**TRADIÇÕES POPULARES**, de Amadeu Amaral — O grande sucesso do dia: a alma e o coração de um povo espelhados nas mais íntima e mais profunda de suas vozes: a do folclore. Crs 50,00

**OS INDIFFERENTES**, de Alberto Moravia — O desespero de uma geração infeliz e dramática que se tornou cínica para não sofrer as horas e os minutos. Crs 38,00

**HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA**, de Attilio Momigliano — O corte dos anos e dos séculos através das letras excepcionalmente cativantes de um povo amante das artes, do sol, da primavera e da beleza. Crs 85,00

**BARRO BLANCO**, de José Mauro de Vasconcelos — Na cruza e na selvageria de um espírito perspicaz e agudo veio pinçar-se a história da cáida indolência e rude aspeira dos trópicos. Crs 45,00

**LEVIATA**, de Julien Green — Nas águas turbulentas e complexamente agitadas de um coração turpido sobressalta o monstro a um tempo quimérico e hídrico de paixão trágica. Crs 35,00

**CICERO E O SEU DRAMA POLÍTICO**, de Maffio Maffii — Como ante o tribuno e o estilita inconfundível da História Clássica abre-se a cortina da política e das lutas intestinas de Roma Imperial. Crs 45,00

**TRES IMPERIALISMOS EM LUTA**, de Italo Zingarelli — A aventura das altas esferas políticas internacionais, retratada em centenas de curiosos e inelutáveis fotografias literárias no palco da Europa de hoje. Crs 35,00

**MOSCOU 1875**, de Kuehnelt Leddihn — Os sonhos do Oriente e Ocidente, Comunismo e Catolicismo, refletidos pinetariamente nas vastas fronteiras de um futuro concebido pelo romance e pela imaginação. Crs 40,00

IPÊ - Cx. Postal, 5521  
São Paulo

Queiram enviar-me, por  
Reembolso Postal, os seguintes  
livros:  
Nome .....  
Rua .....  
Cidade ..... Est. ....

INSTITUTO  
PROGRESSO  
EDITORIAL S.A.

# PEREIRA DA COSTA

# ANNABEL LEE

EDGAR POE

(Tradução de Fernando Pessoa)

FOI HA MUITOS E MUITOS ANOS JA.  
NUM REINO DE AO PE DO MAR...  
COMO SABEIS TODOS. VIVIA LA  
AQUELA QUE EU SOUBE AMAR.  
E VIVIA SEM OUTRO PENSAMENTO  
QUE AMAR-ME E EU A ADORAR.

EU ERA CRIANÇA E ELA ERA CRIANÇA.  
NESTE REINO AO PE DO MAR;  
MAS O NOSSO AMOR ERA DO QUE AMOR  
O MEU E O DELA A AMAR;  
UM AMOR QUE OS ANJOS DO CEU VIERAM  
A AMBO'S NOS INVEJAR.

E FOI ESTA A RAZAO POR QUE, HA MUITOS ANOS,  
NESTE REINO AO PE DO MAR,  
UM VENTO SAIU DUMA NUVEM, GELANDO  
A LINDA QUE EU SOUBE AMAR;  
E O SEU PARENTE FIDALGO VEIO  
DE LONGE A ME A TIRAR,  
PARA A FECHAR NUM SEPULCRO  
NESTE REINO AO PE DO MAR.

E OS ANJOS, MENOS FELIZES NO CEU,  
AINDA A NOS INVEJAR...  
SIM, FOI ESSA A RAZAO (COMO SABEM TODOS  
NESTE REINO AO PE DO MAR)  
QUE O VENTO SAIU DA NUVEM DE NOITE  
GELANDO E MATANDO A QUE EU SOUBE AMAR.

MAS O NOSSO AMOR ERA MAIS DO QUE O AMOR  
DE MUITOS MAIS VELHOS A AMAR.  
DE MUITOS DE MAIS A MEDITAR  
E NEM OS ANJOS DO CEU LA EM CIMA.  
NEM DEMONIOS DEBAIXO DO MAR  
PODERAO SEPARAR A MINHA ALMA DA ALMA  
DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR.

PORQUE OS LUARES TRISTONHOS SO ME TRAZEM  
ISONHOS  
DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR;  
E AS ESTRELAS NOS ARES SO ME LEMBRAM OLHARES  
DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR;  
E ASSIM 'STOU DEITADO TODA A NOITE AO LADO  
DO MEU ANJO, MEU ANJO, MEU SONHO E MEU FADO.

NO SEPULCRO AO PE DO MAR,  
AO PE DO MURMURIO DO MAR.

## AS REVISTAS DOS "NOVOS"

Pode-se agora dizer que o movimento das revistas dos "novos" é uma realidade. Titubeante a principio, na sua inexperiencia, adquiriu logo a segurancia das cousas que perduram. E assim vemos, em todo o Brasil, o florescer de uma nova fase literaria que, desprezando as diferenças entre provincia e metropole, confirma a tese da necessaria unidade na Literatura.

Outro facto importante a considerar é que varios desses núcleos de cultura já possuem suas editoras proprias, apresentando obras em prosa e verso dos seus principais colaboradores. Servem como exemplo as revistas *Clá e Joaquim*.

Esse movimento literario que se espalhou por todo o Brasil, já apresentou nos ultimos anos, além de outras, as seguintes publicações:

**Orfeu**, Revista Brasileira, Cronos, no Rio de Janeiro, Celso, Fundamentos e Revista Brasileira de Poesia, em São Paulo; Nordeste, Região, Presença, em Recife; Edifício, em Belo Horizonte; Caderno da Bahia, em Salvador; Clá, em Fortaleza; A Ilha, no Maranhão; Provincia de São Pedro e Quixote, no Rio Grande do Sul; Sul, em Florianópolis; Agera, em Goiânia; Meia Pataca, em Catagoxas.

Donde se verifica o enorme vigor da nova Literatura.

Em todo o alfabeto, os Institutos Arqueológicos. Este o editou em sua Revista (vol. XXXIV) e o deu, depois, em separata. É um volume de 755 págs., e saiu na Imprensa Oficial de Recife.

— **Origens históricas da indústria açucareira em Pernambuco** — Brasil Açucareiro, Vols. XV e XVI. Este trabalho foi pela primeira vez publicado na obra "Anais da Conferência Açucareira", reunida no Recife em 1905.

— **Anais Pernambucanos**. Esta é, talvez, a mais vasta e a mais importante das obras do historiador. Mas encontra-se inédita.

Homem pobre, como era, Pereira da Costa nunca pôde

dar execução ao seu grande sonho, que seria editar os volumes dos seus meritos Anais. Por sua morte, passaram os originaes a pertencer ao Estado de Pernambuco. E ainda se acham, hoje, depositados na biblioteca pública do Estado.

Facham os manuscritos dos **Anais Pernambucanos** uma colossal ruína de papel. Correspondem a sete volumes de suas quinhentas páginas cada um, num total, pois, de 3.500 páginas. Nelas está resuscitado todo o passado do Leão do Norte, desde as épocas de Duarte Coelho até o ano 1850, que foi o que Pereira da Costa tomou como termo final de suas pesquisas.

Francisco Augusto Pereira da Costa nasceu no Recife, em 18 de dezembro de 1861, e era filho de Manuel Augusto de Menezes Costa e D. Maria Augusta Pereira da Costa. Fez os estudos primários no Colégio de N. S. de Bom Conselho. Tinha apenas 16 anos, quando abandonou os estudos para se dedicar ao comércio, como caixeiro de uma livraria do Recife. Quatro anos moutejou nessa profissão, que deixou em 1871, para aceitar um modesto lugar nas Obras Públicas.

Em 1884 abandonou o Recife, cidade de sua predileção, e foi para o Piauí exercer o cargo de Secretário do Governo daquele Estado.

Já a esse tempo se tinha afirmado como um grande estudioso das coisas de Pernambuco, como um devoto cultor da história nacional. Em 1878 viria abrir-se para o Recife as portas do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

Só aos 40 anos conseguiu formar-se em Direito, na Faculdade do Recife, fazendo parte de uma turma que contava nomes como os de Enéas Martins e José Euzébio, Pereira Teixeira e Prádo Sampaio, Faria Neves Sobrinho e Joaquim Gondim, vultos que, nas letras ou na diplomacia, haviam de atingir as mais altas posições.

No regime republicano, Pereira da Costa teve ocasião de exercer alguns cargos de representação política. Foi membro do Conselho Municipal do Recife, entre 1889 e 1891. E foi, mais tarde, deputado estadual em Pernambuco.

Em 1908, recebeu-o o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sessão presidida pelo Barão do Rio Branco. Saudou-o, nessa ocasião, o Conde de Afonso Celso.

Foi Pereira da Costa, em 1901, um dos fundadores da Academia Pernambucana de Letras, tendo o escolhido, para seu patrono, Muniz Tavares.

Era membro de várias outras associações literárias ou culturais, como a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e a de Lisboa, os Institutos Históricos ou Arqueológicos de Alagoas, do Ceará, da Paraíba, da Bahia e de São Paulo.

Essa foi, em traços gerais, a vida do eminente historiador de Pernambuco. A parte principal de sua biografia, entretanto, está na sucessão literária dos seus esplendidos trabalhos.

Iniciara-se na vida literária aos 21 anos, publicando um artigo no *Diário de Pernambuco*, intitulado *Número Sete*. Esse trabalho de estreia teria chamado para o jovem jornalista a atenção dos velhos escritores pernambucanos, os quais já se haviam habituado a ver, atrás do balcão de uma das livrarias da cidade, a figura de um caixeiro sempre solícito, sempre bem informado acerca dos livros que chegavam à casa, e, sobretudo, conhecedor dos volumes que tratavam de coisas da história nacional.

Seguem-se estudos e ensaios numerosos acerca de figuras pernambucanas, de fatos ligados à história do Leão do Norte, a toda a região do Nordeste brasileiro.

Pondo de lado os trabalhos de menor envergadura, que, na bibliografia de Pereira da Costa, se contam às dezenas — relatórios, notícias históricas e biográficas, comunicações sobre vultos e acontecimentos, etc. — convirá assinalar as principais contribuições que ele deu para a evolução da cultura nacional. São estes: *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célèbres*, aparecido em 1882; *Folclore Pernambucano* — Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco, aparecido em

1909; e os *Anais Pernambucanos*.

Quanto ao *Dicionário Biográfico*, constitui um repositório riquíssimo de informações acerca dos vultos principais que têm ilustrado a história política, social ou espiritual do grande Estado nordestino, e não é possível prescindir dele a quem quer que deseje conhecer a galeria dos varões ilustres do Brasil. O *Folclore Pernambucano* representa um verdadeiro monumento de paciência e amor aos estudos desse gênero. Pereira da Costa recolheu, na sua terra natal, todas as manifestações de origem popular — lendas, fabulas, cantigas, contos, xacaras, parlendas e brincos infantis. Dou, assim, aos seus conterrâneos, um elemento de estudo dos mais preciosos. Oxalá trabalhos idênticos existissem para as demais regiões do Brasil!

Parce, porém, que a mais importante das obras do escritor é aquela que ele intitulou *Os Anais Pernambucanos*. Trata-se de uma obra em quatro volumes, cada um deles com cerca de 800 páginas. Nesses *Anais*, Pereira da Costa traça a história de Pernambuco, desde a sua fundação até o ano de 1850. Infelizmente, *Os Anais Pernambucanos* não foram ainda editados. O escritor, que era pobre e não dispunha da boa vontade dos editores, não pôde em vida publicá-los. Os administradores pernambucanos — aos quais deveria ter cabido essa tarefa, que qualificaríamos cívica — não tiveram, até agora, tempo de cuidá-los. Os assuntos da pequena política regional os têm absorvido demais, mercê de Deus!

Pereira da Costa faleceu no Recife, em sua casa da rua da Paz n.º 193, no dia 21 de novembro de 1923. Algum tempo antes, na ocasião em que descia uma escada de sua residência, rolara pelos degraus. Ficou sem sentidos, e, quando voltou a si, havia perdido a fala, que nunca mais recuperou.

## BIBLIOGRAFIA DE PEREIRA DA COSTA

- *Modesto monumento à memória de Demétrio Acácio de Albuquerque e Melo* — Pernambuco, 1877, in-8.º.
- *Esboço biográfico do desembargador Joaquim Nunes Machado* — Pernambuco, 1879 — 16 págs., in-8.º.
- *Dicionário Biográfico de Pernambucanos célebres* — In-4.º de 818 págs., Recife, 1882.
- *Discurso pronunciado na sessão magna do 41.º aniversário da Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*, em 17 de dezembro de 1882, na qualidade de orador da mesma sociedade — Recife, 1882 — 18 págs., in-8.º.
- *Comarcas da Provincia de Pernambuco* — Estudos, Recife, 1884.
- *Mesalico pernambucano* — Coleção de excertos históricos, poesias populares, anedotas, curiosidades, lendas, antiquilhas, usanças, ditos célebres, inéditos, etc., tudo relativo à Provincia de Pernambuco. — Pernambuco, 1884 — 263 págs., in-8.º.
- *Informações sobre as comarcas da Provincia de Pernambuco* — Organizadas em virtude do aviso-circular do Exmo. Sr. conselheiro ministro da Justiça, expedido em 20 de setembro de 1883, etc. — Recife, 1884 — 50 págs., in-4.º.
- *Pernambuco ao Ceará* — O dia 25 de março de 1884. Histórico das festas celebradas por ocasião da redenção da Provincia do Ceará, Recife, 1884 — in-8.º.
- *Notícia sobre as comarcas da Provincia do Piauí* — Teresina, 1885 — 130 págs., in-8.º.
- *Relatório em que dá conta no Exmo. Sr. Presidente da Provincia da comissão de que fora encarregado, em 2 de março de 1886*, Recife, 1886.
- *Relatório sobre as bibliotecas dos conventos de Recife e Olinda*, — Recife, 1886.
- *Relatório sobre o movimento do Liceu de Artes e Offícios no ano de 1887* — Recife, 1887.
- *A Ilha de Fernando de Noronha* — Pernambuco, 1888, in-8.º.
- *Enciclopedia Brasileira* — Recife, 1889.
- *Homenagem à Benemerita Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco*, mantenedora do Liceu de Artes e Offícios, no dia do 50.º aniversário de sua instalação — Recife, 1891.
- *A ideia abolicionista em Pernambuco* — Conferência — Recife, 1892.
- *Síntese dos trabalhos legislativos da Câmara dos Deputados de Pernambuco, em 1892* — Recife, 1893.
- *Teatro Santa Isabel* — Edição, Recife, 1894.
- *Em Pro da Integridade do Território de Pernambuco* — Foi reproduzido no *Diário do Congresso Nacional* de 1906, e figura nos *Anais do Senado Federal*, do mesmo ano, por ocasião de discutir-se o projeto, que ficou encalhado no Senado, do Senador Dr. João Barbalho, mandando restituir a Pernambuco o território da antiga Comarca de S. Francisco, provisoriamente, até agora, ligado à Bahia.
- *Seleita Pernambucana* — Livro escolar, Recife, 1897.
- *Notícia histórica e topográfica da povoação do Poço da Panela*, Recife, 1897.
- *Memória sobre o edificio em que funciona o Juri, da Capital do Estado*, — Pernambuco, 1898.
- *Quarto Centenário do descobrimento de Pernambuco, em 26 de janeiro de 1500*, Recife, 1900.
- *Carta de Pero Vaz Caminha, dirigida a el-rei D. Manuel* — de Porto Seguro, dando conta do descobrimento do Brasil, Pernambuco, 1901.
- *Notícia histórica sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Boa Vista*.
- *A Verdadeira Naturalidade de D. Antonio Felipe Camarão* — Recife, 1904.
- *Conferência Açucareira do Recife, em 1905*, Recife, 1905.
- *Notícia Biográfica do Dr. Antonio de Moraes e Silva*, autor do primeiro dicionário da lingua portuguesa, Recife, 1906.
- *Folk-lore pernambucano* — Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco, Recife, 1909.
- *A naturalidade de Camarão* — Última verba — Recife, 1909.
- *Anais de Pernambuco* — Publicação feita no Jornal do Recife, em 1909.
- *Efemérides do Piauí* — Recife, 1910.
- *Folk-lore Pernambucano* — Separata da "Revista do Instituto Histórico", Rio de Janeiro.
- *Napoleão I no Brasil* — Ateneida, ano I — N.º 11.
- *Frei Caneca* — Revista Americana — Ano VII — N.º 8.
- *Vocabulário Pernambucano* — Recife — 1937.